

TERRA
VIDA È
ECOTEOLOGIA

RECONEXÕES





Sumário

APRESENTAÇÃO, COMEÇOS, PENSANTES, AÇÕES ANDANTES	4
O FUTURO DA NATUREZA E DA VIDA PASSA PELA ECOLOGIA	14
LA IMPORTANCIA DE UNA ESPIRITUALIDAD ECOTEOLÓGICA PARA SOSTENER LA JUSTICIA CLIMÁTICA	17
O CORPO HUMANO BIOCÊNTRICO: NARRATIVA DE CRIAÇÃO DA TERRA GUARANI	26
TIERRA, VIDA, ECOTEOLÓGÍA: RECONEXIONES	28
TERRA, VIDA, PARTILHA E COMUNHÃO!	29
A CRIAÇÃO NÃO ESTÁ À VENDA	32
E DEUS VIU QUE ISSO ERA BOM	35
JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL: UMA CAMINHADA EM DEFESA DA VIDA	38
REDE DE COMÉRCIO JUSTO E SOLIDÁRIO: PROMOVENDO A ECONOMIA SOLIDÁRIO, A AGROECOLOGIA E O CONSUMO RESPONSÁVEL	40
MUDANÇAS CLIMÁTICAS: QUAL O NOSSO PAPEL COMO INDIVÍDUOS E COMUNIDADE NESSE NOVO DESAFIO	43
BIOPOLÍTICA E ECOPOLÍTICA NO BRASIL	45
A PALAVRA ESPIRITUAL E POÉTICA	50
BEM-ESTAR X BEM VIVER	53
MANIFESTO DO CONSELHO DA IGREJA E DA PRESIDÊNCIA DA IECLB	57
TEOLOGIA SEM TERRA PARTE 1	59
TEOLOGIA SEM TERRA PARTE 2	64
TEOLOGIA SEM TERRA PARTE 3	69
TEOLOGIA SEM TERRA PARTE 4	74
FESTA DA NATUREZA	79
MATERIAIS LITÚRGICOS	80



Apresentação, começos, pensantes, ações andantes

Comecemos. Não existe meio ambiente. Ele é inteiro, é o que diz o indígena Davi Kopenawa. “A terra não deve ser recortada pelo meio. Somos habitantes da floresta, e se a dividirmos assim, sabemos que morreremos com ela. Prefiro que os brancos falem de natureza ou de ecologia inteira. Se defendermos a floresta por inteiro, ela continuará viva” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 484)¹.

Chamá-la assim, é nominar o que ainda resta da terra e das florestas feridas pelas máquinas e a ação humana. Por isso, na relação entre ser humano e natureza, desloca-se cada vez mais longe desta última. Este distanciamento, causa o adoecimento das pessoas e de toda uma sociedade, além de impulsionar o descuidado para com os diferentes modos de vida.

Há, pois, que retomar o cuidado, de origem latina *coera*, a cura. A cura da terra. Os indígenas nos auxiliam nesta cura. Ademais, também o respeito para com a terra, respeito implica olhar novamente e com o coração. Necessita-se de um retorno. Olhar de novo. Tornar a ver, a sentir. Assim como refletir, de origem latina *re*, “outra vez, novamente”, numa derivação de *flexus*, “dobrado, fletido”, do verbo *flectere*, “dobrar”. (HILLMAN, 1993)².

O ‘desenvolvimento’, como toda crença, nunca foi questionado: foi simplesmente redefinido por suas características mais destacadas” (ACOSTA, 2016, p. 49)³. Mas necessita do ato filosófico de pensar e repensar e, portanto, da educação e da (eco)teologia. Precisamos de envolvimento. Assim, ao olhar para trás, em ação de *respectare* e *reflectere*, percebemos que os rumos tomados até então nos tem levado ao nosso próprio despencamento. Enquanto o homem branco explora e domina, os povos indígenas têm sido os protetores da terra, da natureza e responsáveis, com alguns poucos, pela cura desta.

1 KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

2 HILLMAN, James. Cidade & Alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

3 ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. – São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.



É neste movimento que caminhamos, também para esta cura e cuidado, para com a vida da Criação a partir da ecoteologia e das reconexões com as raízes: as nossas e as do solo.

O projeto “*Vida, terra e ecoteologia: reconexões*” é fruto da COP27, da qual eu, Carine, participei como delegada virtual da Federação Luterana Mundial - FLM. O projeto como um todo pretende circunscrever e abranger as perspectivas local e nacional.

Aconteceu, localmente, um culto ao ar livre, conforme notícia: <https://www.luteranos.com.br/noticias/vida-terra-e-ecoteologia-reconexoes>. A nível municipal - Vera Cruz/RS, o envio de um pedido ao executivo para a elaboração do Plano Municipal de Arborização Urbana, dentre muitas outras ações semeadas com este projeto.

Por fim e pelos começos, este material sobre o tema ambiental e o Cuidado com a Criação de Deus, em parceria com a Red Create - rede latino-americana que cria recursos litúrgicos, com a Juventude Evangélica Luterana da IECLB, Projeto Ambiental Galo Verde, Horta Comunitária Redentor, Universidade de Santa Cruz do Sul, Grupo de Pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade, FLD-COMIN-CAPA - Fundação Luterana de Diaconia, Conselho de Missão entre Povos Indígenas e Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia, Rede de Comércio Justo e Solidário e demais pessoas interessadas em contribuir com a temática com recursos e apoio da Federação Luterana Mundial (FLM) e Fundo do Trabalho com Jovens da IECLB.

Este é um material composto por falas sensíveis indígenas, por escutas sensíveis e por possibilidades de ação e reflexão de pessoas que compreendem a terra como mãe e que a tem como referência.

Os textos e materiais litúrgicos são palavras respiradas, sons, imagens e gestos que habitam em quem as trouxe para que possam habitar este mundo, na esperança que sejam de cuidado com toda a vida que nos cerca. São o que há em demasia no corpo, acrescentado ao mundo.

Um agradecimento especial àqueles e àquelas que toparam colaborar com o projeto. Juntos e juntas podemos mobilizar ações de cuidado e cura da mãe terra.





Sorine Wendland



Reflorestarmentes: trata-se de um grande chamamento que fazemos à humanidade, na tentativa de proporcionar a todos os povos do mundo uma nova forma possível de nos relacionarmos com a mãe terra e também entre nós, seres que nela vivemos.

(Braulina Baniwa Joziléia Kaingang Giovana Mandulão, 2023, p.8)⁴

Seres vivos para uma terra viva. Talvez o dano que a gente tenha cometido contra o Planeta, no século XX, é que a gente estava preparando técnicos e formando muitos técnicos, e a ideia era habilitar o humano para incidir sobre a vida na Terra. Tirar petróleo, furar plataforma continental, devastar a Floresta Amazônica, caçar ouro para todo lado, toda essa cosmovisão constituída de um Planeta cheio de concreto, viadutos, pontes, rodoviárias, metrô. Essa parafernália toda é uma ofensa ao corpo da Terra. A Terra respira.

(KRENAK, 2020, p. 20)⁵

“Quem considera, quem enxerga, quem avalia, quem se volta para os conceitos tradicionais e milenares vai ter melhor qualidade de vida, vai ter bem-viver. E o bem-viver não é só para seres humanos, a árvore também precisa viver bem, o peixe também precisa viver bem, os animais, os rios precisam viver bem, a natureza, o bem-viver também é natureza, nós somos natureza”

(Miguel Kwarahy Tenetehara Tembé, 2021)⁶

4 Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência! Braulina Baniwa, Joziléia Kaingang, Giovana Mandulão; organização Kassiane Schwingel. – Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

5 KRENAK, Ailton. Caminhos para a cultura do bem viver. Bruno Maia (org.), Rio de Janeiro: Cultura do Bem Viver, 2020. 36 p.

6 ANPED Nacional. Sessão de encerramento “Educação, bem viver e defesa dos territórios originários”. Duração: 1:52:09, Belém: 40ª Reunião Nacional. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=E06gtCwehDg>> Acesso: 22 out. 2021.



Quial'uaa tyoots'om na manen quiaan cwichen cwii xuee na wanto'a ndo' na matseijndyo_ na nquie'ntjo_ 'nan' na nntjaa'ts'oo_ n ya, quail'ua'ta na cantya' ts'o nja.

Gracias a Dios por darme outra oportunidad de vivir y luchar por lo que más quiero, gracias señor por darme tu amor incondicional.

Víctor Mateo, él pertenece a la cultura indígena Amuzga, en el Municipio de Xochistlahuaca, Guerrero, México. Las frases están escritas en el idioma amuzgo y también en español. Víctor dice que lo que él más quiere es la tierra de Xochistlahuaca.



Indígenas de Xochistlahuaca, Guerrero

Xochistlahuaca, es una tierra muy fértil y lleno de cultura



(Xochistlahuaca, México)

Eu acho que a espiritualidade não é um objeto. Às vezes penso que o termo espiritualidade é um exagero para aquilo que a gente entende como espiritualidade. Parece que muita gente já tem um sentimento romântico. Coisas que para nós é o contrário. É ser feliz e fazer feliz outra pessoa com a nossa alegria. É mergulhar nas brincadeiras, acordar com o sol, mergulhar na água. Sentir aquela sensação de estar bem. Acho que uma das coisas da prática espiritual é o amor, essa capacidade de amar [...]. Não tem uma palavra em guarani que traduz espiritualidade, porque é viver, estar bem, despertar, agradecer, sorrir... ou chorar. Isso tudo está diretamente ligado a essa cosmologia que permite nossa vida, o nosso respirar [...]. O português é uma língua que quer dar nome para tudo, mas nomes que muitas vezes não tem sentido, uma invenção científica. Para nós não tem isso. Por exemplo, a palavra música. O guarani não fala música, ele simplesmente se refere com uma expressão para entender os cantos, o instrumental. Para o instrumental a expressão significa som da vida, que se refere ao batimento do coração. A expressão para falar dos cantos das crianças significa conselhos entoados. As palavras estão buscando diretamente as coisas como são. Quando fala o “vento”, a gente fala sopro da terra. A nossa língua se baseia diretamente nas coisas naturais do universo, em como elas são, o que elas são. Então quando fala de espiritualidade, é algo muito complexo, porque se refere às coisas simples, naturais da vida, mas que muitas vezes a gente ignora no dia a dia.

Vhera Poty, Guarani Mbya



É importante não perder essa visão que somos indígenas, que somos Mbya Guarani e a sabedoria que temos, sabedoria, conhecimento, tudo vem pelo Nhanderú que é nosso Deus que foi criado aqui junto, com a mata, com a natureza, principalmente nossos povos indígenas que nascem aqui na terra junto [...] com a natureza. Então nossa educação vem através da nossa terra, através do nosso Deus também, que tem todo conhecimento que coloca na nossa mente, do indígena Guarani principalmente, ele vem nascendo através do Nhanderú: como é que tem que se educar nosso filho, como é que tem que se respeitar um ao outro, como tem que respeitar a natureza, como que tem que ensinar a praticar, por exemplo, nossa cultura, nossa língua, nossa religião, é importante, tudo vem através do Nhanderú, então não foi criado pelo ser humano [...].

a gente se encontra como vida comunitária, muitas coisas importantes, tem que se proteger. Não é bom falar muito do juruá porque a gente não conhece, como é que a gente vê, pelo menos de longe, a gente conhece que na vida tem individualidade, isso [...] não é bom para o juruá, porque tendo vida individual, ele é sozinho, ele não ajuda, ele não protege, todo mundo não se protege vamos dizer, cada família vive para si, isso aí não é bom para juruá⁷, nossa vida não é assim, é tudo junto, fortalecendo um ao outro e é isso.

⁷ “Há alguns anos, em uma experiência mais próxima das culturas indígenas, um dos ensinamentos mais bonitos e eu diria impactantes, foi de que a etnia Guarani usa o termo juruá para definir os que não são indígenas. Em sua definição há algo como “boca vazia”, ou seja, fala, fala e não diz nada, ou ainda uma fala que não merece confiança.” in: WENDLAND, Carine. **Poética intercultural na educação: modos de estar-sendo e fazendo ser entre indígenas e não-indígenas**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3387>. Acesso: 20 mai. 2022.

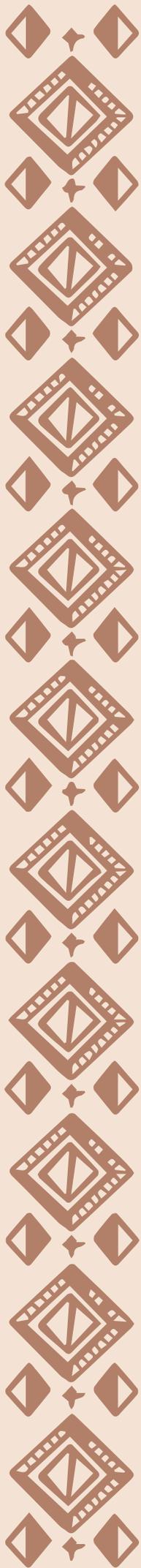


Porque nós indígenas lutamos para isso. Na verdade, a luta, ou seja, a sabedoria que traz a vida para a gente, porque se continuarmos fazendo isso, com certeza vai fortalecer mais a vida Guarani, a luta Guarani também é pela terra, pela melhoria. Na verdade, essa melhoria tem que vir do próprio Deus, do próprio Nhanderú, então tudo depende do nosso Nhanderú: nosso conhecimento, nossa vida, nosso trabalho, nosso comportamento. A gente luta pelo Nhanderú, porque o Nhanderú deixou para nós, ele dizia para nós continuarmos essa sabedoria, esse conhecimento, o respeito pela natureza, pelo espírito da natureza. Aqui tem vários espíritos, tem o espírito das árvores, do rio, arroio, da água, pedra também tem espírito, tem muitos lugares que é um lugar sagrado, vamos dizer assim que é a terra que foi deixada pelo governo, pelo juruá, alguma terra tem, e é sagrada. Esse conhecimento juruá não tem, não sabe, pouco comentado, pouco passada essa informação para o juruá. Por exemplo aqui na nossa região uma mata que sobrou pouquinho, mas nesse lugar tem um lugar sagrado para Deus, então por isso que juruá não tocou ainda e nunca vai tocar também, então tudo isso é nós indígenas que sabemos, nós indígenas que vimos esse lugar, então eu acho que é importante pensar junto e para que o juruá conheça isso, que respeite. Claro que para juruá respeitar essa vida Guarani, a sabedoria indígena, todos os países, é difícil entender, porque esse conhecimento e sabedoria não vem da própria pessoa, vem do próprio Deus, por isso que é difícil conhecer e difícil o juruá respeitar, mas tem alguns juruás que sabem e conhecem também, então é muito importante isso que fortalece esse conhecimento.

Santiago Franco, cacique da Aldeia Yvy Poty no município de Barra do Ribeiro, é Mbya Guarani, e seu nome original é Karai Yapua



Sarune Wendland



A espiritualidade transcende a cultura de um povo. Perpassa e promove espaços de fala, escuta e ação, mas especialmente de sentidos. Em conversas⁸ sobre como se dava a espiritualidade para os Kaingang, Onorio de Moura, colega doutorando, relata que não há uma palavra para traduzir a espiritualidade, mas que a aproximação mais próxima ou palpável seria “vivenciar a vida em sua plenitude”. Acrescenta que somente a vivencia, enquanto os e as não-indígenas teriam que dar um nome. Mas, “a relação com a natureza como um todo, com os animais, com o cosmos, a vivência espiritual é tudo isso. A própria vida já é uma vivência espiritual”.

Falava eu, então, da minha percepção de espiritualidade em sua amplidão e da religião como aquela que aprisiona em caixinhas, mas também como religare. Para ele⁹, todavia, “religar não se enquadra na espiritualidade indígena, porque a gente vivencia, não precisa religar, já está ligado”.

As danças, os trançados, os cantos, as pinturas e todas as manifestações sensíveis são modos de estar no mundo e de narrarem a si, ao coletivo e ao mundo, também são formas de ritualidade e resistência. Talvez as principais formas de resistência e, portanto, modos de estar em relação. Lembremos do Projeto de Lei (PL) 490 de 2007 do Marco Temporal que esteve em voga no ano de 2021 e determina que são terras indígenas apenas aquelas que estavam ocupadas em 5 de outubro de 1988 pelos povos tradicionais, quando cerca de seis mil indígenas, de mais de 170 povos se unem em canto, dança e reza em frente ao Supremo Tribunal Federal (STF) contra a ação.

Para Arias, a espiritualidade tem uma dimensão política insurgente, que busca pela transformação da existência a partir de dimensões cósmicas. Ao contrário do que se pensa, não se fixa em ser contemplativa, mas uma energia interior que move à ação “que hace posible que assumamos un compromiso militante en la lucha por la transformación del mundo” (2011, p. 27). Ademais, permite superar a visão teocêntrica, antropocêntrica e humanista que por sua vez legitima a dominação masculina do mundo.

8 Conversas, em 2022, de integrantes do Grupo de Pesquisa Peabiru atuantes no projeto Aprendizagens interculturais com os Guarani e Kaingang na Educação Básica, na Escola Nossa Senhora da Glória, em Sinimbu.

9 Para os Kaingang, a ritualização e oração é uma relação de comunicação com a vida (dos animais, das plantas), mas não de um Deus, porque estes não o teriam como uno.



O futuro da natureza e da vida passa pela ecologia

Encontramo-nos numa situação inédita na história da natureza e da vida humana. O fim do mundo já não é uma obra de Deus mas pode ser uma obra do próprio ser humano.

Com a ciência e a técnica, realizadas sem consciência, o nosso tipo de civilização deslançou uma agressão sistemática ao sistema-Terra e ao sistema-vida. Chegamos a um ponto de construirmos o princípio da autodestruição com armas nucleares, químicas e biológicas. Uma das expressões mais perigosas é a criação da Inteligência Artificial Generativa ou da Inteligência Artificial Autônoma. Tal forma de inteligência pode armazenar bilhões e bilhões de algoritmos, combiná-los e articulá-los e tomar decisões por si mesmo, independente do controle do ser humano. Segundo os próprios criadores e desenvolvedores desta Inteligência Artificial, há 10% de possibilidade que ela toma uma decisão de extermínio da espécie humana ou de desempoderá-la profundamente. Por isso, eles mesmos pediram uma moratória de pelo menos 6 meses para repensar todo o projeto e evitar um armagedon ecológico-social.

A tudo isso acrescenta-se a geral degradação ecológica que culminou no aquecimento global que originou um novo regime climático da Terra. O aquecimento global não pode ultrapassar os 1,5 graus Celsius em relação à era industrial (1750), pois causaria desarranjos funestos para a humanidade. Punha-se como limite o ano 2030. Ocorre que os países e o processo de industrialismo da produção pouco fizeram para impedir o aumento do calor da Terra. O último relatório do IPCC de fevereiro de 2023, órgão da ONU que acompanha a nível mundial o aquecimento da Terra, afirma que já passamos o limite controlável e já estamos num caminho sem retorno. Para 2027 já se prevê o crescimento de 1,5-2.00 graus Celsius de aquecimento.

Os danos em termos de transformações climáticas, eventos extremos, furacões devastadores, nevascas inimagináveis e grandes secas prolongadas, poderão causar danos à vida humana, especialmente nas grandes cidades e uma desregulação dos ritmos da natureza.

É nesse contexto sombrio que se coloca a questão ecológica. Por ecologia não entendemos como uma técnica de intervenção reguladora na natureza, mas como uma arte, um novo modo de relação benévola e amigável com a natureza. Ela, formulada pela primeira vez por um discípulo



de Darwin, Ernst Haeckel em 1866, é a ciência das inter-retro-relações que todos os seres entretêm entre si e todos com o meio ambiente. Não se trata mais de estudar os seres em si mesmos, um tipo de animal, de planta, de solos etc. mas de considerar as relações existentes entre todos eles. São estas que contam e que garantem a existência e subsistência de cada ser.

Por esta razão se afirma a tese básica da física quântica de Heisenberg/Bohr, que coincide com a razão ecológica: tudo é relação e nada existe fora da relação. Um ser, em razão desta rede de relações, ajuda o outro a permanecer no processo de evolução ou eventualmente de desaparecer. É a solidariedade entre todos que subjaz aos ecossistemas e que mantém a natureza assim como a conhecemos em sua imensa biodiversidade.

Nos dias atuais, atingimos a um nível de degradação do meio ambiente, que a Carta da Terra (2000) e a encíclica do Papa Francisco, *Laudato si: como cuidar da Casa Comum* (2015), chamam de *comunidade de vida* ou simplesmente de *Lar Comum* que fez soar o alarme ecológico. O Papa Francisco na encíclica *Fratelli tutti* (2020) chega a dizer: “ou nos salvamos todos ou ninguém se salva”(n.34). Por isso, clama por uma “conversão ecológica radical”. Ou mudamos de paradigma civilizacional ou todos podemos perecer.

A atual situação, hoje globalizada, constitui-se como efeito da modernidade, inaugurada pelos pais fundadores Galileo Galilei, Newton, Descartes, Francis Bacon e outros, no século XVIII. Eles entenderam a natureza como algo meramente sem propósito, a Terra não mais como a Grande Mãe que tudo nos dá, mas como uma “res extensa” uma realidade a ser explorada e submetida pelo poder do ser humano. O eixo estruturador destes pensadores era compreender o ser humano fora e acima da natureza, como o seu “mestre e dono”. Com esse poder o capacitaria a dominar terras, povos, a natureza e a matéria e a própria vida. E isso foi feito com fúria inusitada. Dominaram o mundo. Tais compreensões trouxeram grandes vantagens como o antibiótico, os carros, o avião, a tv e todos os instrumentos que aliviaram o peso da vida humana. Mas simultaneamente produziram a capacidade de destruição de toda vida sobre a Terra. Fez-se um primeiro teste com o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki com a devastação de toda a natureza e a morte da grande maioria da população. Tal ato de terror, apavorou a consciência humana, pois se deu conta de que poderia destruir tudo.

Com efeito, hoje possuímos os meios de destruir toda a vida humana e toda vida da natureza por várias formas diferentes. É o resultado nefasto do paradigma do ser humano como “dominus”, senhor e dono sobre todas as coisas. Ele esqueceu que é parte da natureza e sem ela não pode viver nem subsistir. Levando este projeto avante, podemos engrossar o cortejo



dos que caminham na direção de sua própria sepultura. Temos que mudar se queremos continuar sobre o planeta Terra.

Qual é o projeto que se opõe ao “*dominus*” (senhor e dono)? Quem lucidamente viu a alternativa foi o Papa Francisco com suas duas encíclicas ecológicas que muitos ecólogos consideram o melhor fruto do pensamento ecológico mundial. Na encíclica *Fratelli tutti* o Papa propõe uma alternativa: a do *frater* (do irmão e da irmã). O ser humano é irmão e irmã de outro ser humano e da mesma forma irmão e irmã de todos os demais seres. Pois, todos viemos do mesmo pó cósmico e pó da Terra e ainda todos temos a mesma base genética, desde a célula originária (apareceu há 3,8 bilhões de anos), passando pelas grandes florestas, os dinossauros e o colibri, temos os mesmos 20 aminoácidos e as mesmas 4 bases nitrogenadas. A consequência disso é que, por um dado científico, somos de fato e não metaforicamente, irmãos e irmãs. E devemos tratar-nos como tais, coisa que não fizemos. Transformamo-nos no Satã da Terra e não no anjo protetor, cuja missão é de “guardar e cultivar o jardim do Éden” (Gn 2,15) vale dizer, o planeta vivo que hoje chamamos de Gaia.

Ou fazemos essa travessia do “senhor e dono” sobre a natureza para o “irmão e irmã” da natureza, dentro dela e parte dela, ou então corremos o risco de assistir grandes catástrofes ecológicas e eventualmente o desaparecimento da espécie humana.

Daí a importância da ecologia atualmente: dela depende nosso futuro incerto e mortal ou, caso mudarmos, uma nova etapa da Terra e da Humanidade, formando uma única e complexa realidade, habitando juntos a mesma Casa Comum. Seria uma civilização, não centrada no poder e no lucro, mas na vida e na sua proteção, uma *biocivilização*.

Para alcançarmos esse propósito todos devem colaborar, cada pessoa, cada comunidade, cada fábrica, cada ramo do saber, do popular ao científico. Temos que desenvolver uma nova mente (nova compreensão da realidade) e um novo coração (um laço afetivo com todos os seres, irmãos e irmãs, especialmente, entre os humanos) para alcançarmos a sustentabilidade do planeta e garantirmos um futuro promissor para a nossa vida. Cremos que isso está dentro das possibilidades reais do ser humano, feito não para se auto-destruir mas para viver e conviver neste belo e pequeno planeta, a natureza incluída.

Leonardo Boff é ecoteólogo e escreveu: *Ecologia: grito da Terra-grito do pobres*, Vozes, Petrópolis 2005; *Proteger a Terra e salvar a vida: como escapar do fim do mundo*, Record, Rio 2018.

LEONARDO BOFF



La importancia de una espiritualidad ecoteológica para sostener la justicia climática

¿CÓMO DESCRIBIRÍA LA JUSTICIA CLIMÁTICA?

No empiezo con una definición de justicia climática, sino pensando en aquellos que han liderado movimientos de justicia en el pasado. ¿Qué tienen en común Gandhi, Martin Luther King, Leymah Gbowee, Wangari Muta Maathai, Dag Hammarskjöld y Nelson Mandela? Todos ellos fueron líderes de revoluciones que cambiaron el mundo (que les valió a todos el Premio Nobel, por cierto) pero, lo que es más importante, todos ellos tenían una espiritualidad subyacente que informaba, formaba y sostenía su trabajo. (MLK, la paz no era el objetivo final, era el camino... el derecho al voto era el objetivo, pero el amor y la no violencia eran el camino, y lo entrenaban día a día antes de ir a una sentada o a una marcha). Tanto si se trata de una filosofía, una teología o una espiritualidad de la praxis, todos ellos tenían una espiritualidad subyacente que proporcionaba los contornos para dirigir sus movimientos, y eran la fuerza del alma que daba el tipo de belleza a su mensaje que creaba verdaderas revoluciones.

[...] ¿Por qué las organizaciones religiosas como la comunión luterana se comprometen con el trabajo de la justicia climática, cuál es la textura del mensaje que tienen que llevar al diálogo interdisciplinario y a las negociaciones, que dan forma y sostienen el tipo de compromiso que tendrán como delegación de la FLM en la COP, antes de ir a la marcha, al evento o al espacio de negociación?

Presentaré la importancia de la eco-teología para desarrollar un enfoque de la justicia climática que no sea un mero verbalismo vacío, ni un activismo insostenible o sin raíces.

Puede que no sea obvio para mucha gente lo que un grupo de cristianos, luteranos, tiene que decir sobre la justicia climática en un entorno interdisciplinario. Y, me temo, que puede no ser obvio para muchos cristianos.



Las raíces espirituales de nuestra crisis

De hecho, fue la tesis de Lynn White en 1969, quien escribió un ensayo en el que afirmaba que las raíces de nuestra crisis ecológica se encontraban en la tradición cristiana, y concretamente en la idea de que los humanos tenían **dominio sobre** la creación. Describió cómo el antropocentrismo condujo a muchas filosofías económicas, políticas y científicas en las culturas occidentales modernas que causaron el tipo de desmitificación, mercantilización y dominación que han creado la crisis climática. La avaricia, el consumo desenfrenado y la producción por encima de nuestro peso y de la capacidad de carga de la Tierra (el presupuesto de carbono) están llevando a cabo el Génesis a la inversa, tal y como lo ha descrito Bill McKibben. La economía política global actual enseña a nuestros hijos que ser humano es formar parte de una curva de crecimiento ilimitada de producción y consumo. Pero no estoy de acuerdo con Lynn White en que la historia de la creación hebrea sea realmente la causa. El problema no es la tradición judeocristiana como tal, sino nuestro alejamiento de la enseñanza de la tradición sobre la verdadera vocación del ser humano. Ese es el problema. En otras palabras, olvidar la sabiduría de nuestra tradición de fe (y nuestras otras tradiciones culturales) ha distorsionado la autocomprensión del ser humano, lo que ha conducido a nuestra destrucción ecológica voluntaria.

Volver sobre nuestros pasos

En mi contexto, he aprendido mucho de las tradiciones de los nativos americanos que, como la mayoría de las tradiciones indígenas, se someten a ritos de formación e iniciación o de mayoría de edad que implican una forma de tiempo de sueño en el que aprendemos las historias de nuestra génesis en el contexto de la tierra. Los aborígenes australianos lo llaman “walkabout”, porque literalmente se camina por la tierra de su origen, ya que la propia tierra contiene las historias. Dicho de otro modo, las historias están vinculadas a lugares concretos de la tierra.

Para recordar quiénes somos, de quiénes somos y dónde estamos (es decir, para crear nuestra cosmología o visión del mundo), necesitamos volver sobre nuestros pasos. En sentido literal y figurado.

Así que quiero mostrar cómo parte de nuestra esperanza en lo que hacemos al abogar por la justicia climática comienza con el regreso a las verdades de nuestra tradición, y el aprovechamiento de la espiritualidad subyacente que proporciona formas a nuestro compromiso, y la fuerza del alma que añade belleza a nuestro mensaje que sostiene el trabajo de reforma y revolución.



Nuestra tradición nos enseña que los seres humanos han sido creados en una red ecológica de reciprocidad, y están llamados a utilizar nuestras capacidades de conocimiento científico y habilidad técnica para salvaguardar las relaciones que sostienen la vida. Y esto es específicamente cierto en términos de eco-teología, que es una forma de volver sobre nuestros pasos y re-historizar nuestra tradición cristiana. Pensemos, pues, en la palabra eco-teología.

Ecoteología

En primer lugar, la **teología**: Toda pregunta teológica sobre Dios, o el deseo de conectar de manera significativa con el mundo que nos rodea, comienza con una pregunta antropológica: *¿Quién soy yo?* La teología, por tanto, es algo más que preguntas filosóficas sobre quién es Dios, y es más bien una búsqueda fiel para entender lo que se ha revelado sobre quién es Dios para mí (*Rahner*), y por tanto, quién soy yo como criatura en relación con Dios (*coram deo*) y en relación con la comunidad terrestre (*coram mundo*).

De este modo, las cuestiones teológicas son preguntas sobre nuestro ser en el mundo. Son nuestra visión del mundo, o sea, nuestra cosmología. Y aquí tanto las ciencias naturales como la teología tienen un significado cosmológico. **Las experiencias de su vida en las ecologías locales importan aquí.** El salmista se quedó en su lugar ponderando los cielos, preguntando, *¿qué es un humano que Dios se acuerda de mí en medio de este universo?* Y hoy, esta es la misma pregunta cosmológica que impulsa nuestra búsqueda religiosa, y la misma pregunta ecológica que impulsa las ciencias naturales: *¿Qué es el ser humano en relación con la creación y conociendo nuestra capacidad de dominar y explotar, o de cuidar su sostenibilidad, qué debemos hacer al respecto? [...]*

Así pues, la teología y las ciencias naturales son dos formas diferentes de entender nuestras relaciones. Son formas complementarias de saber lo que significa cuidar de la Tierra y de todos los seres y mantener las condiciones para una vida justa y buena.

Gracias a las ciencias naturales, sabemos que no estamos cumpliendo nuestros objetivos para frenar el calentamiento global. Tenemos los ojos para ver que nuestro mal uso de la tierra desencadena una pérdida de biodiversidad que acelera el colapso de los sistemas planetarios que sustentan la vida. Y la sabiduría de nuestra tradición religiosa nos da ojos amorosos para ver la Tierra y todas las criaturas como regalos, no como una mercancía dada, y nos motiva a crear economías sostenibles y sociedades justas y resistentes.



Los luteranos siempre han afirmado este diálogo constructivo entre las ciencias: naturales, sociales, políticas y teológicas. La tarea de la deliberación ética, que consiste en discernir vías políticas, económicas y tecnológicas moralmente sólidas para sostener la vida dentro de los límites del planeta, requiere el diálogo entre la teología y las ciencias naturales, la fe y la razón, en una ecología de la sabiduría humana.

Y eso nos lleva a la ecología, que es el eco de la ecoteología. La ecología **trata de** las relaciones. La biología trata de cómo trabajamos y funcionamos fisiológica y químicamente, pero la ecología trata de la dinámica de las relaciones entre la tierra y las especies que sostienen esos sistemas de vida. Y de nuevo, la teología y las ciencias naturales son dos formas diferentes de entender nuestras relaciones. Diferentes tipos de relaciones, pero nada más que marcos relacionales para entender las verdades sobre la vida. Así que quiero ofrecer esto como una definición de trabajo de la eco-teología.

“En general, la eco-teología busca descubrir la base teológica para una relación adecuada entre Dios, la humanidad y el cosmos”.
- Celia Deanne-Drummond

Como disciplina teológica, la ecoteología no sólo se ocupa de la situación de la naturaleza más que humana, sino que es una forma de reflexionar sobre el entramado de relaciones correctas que se requieren para sostener la vida.

Teo-logía

Así pues, quiero señalar aquí la teología que subyace a la ecoteología, que en algunos círculos se denomina Ecología Integral, pero que es la teología de la koinonía: Koinonia es una palabra griega que significa comunidad o comunión. Parte de la afirmación de la fe cristiana de que Dios es una comunidad de relaciones que crea y sostiene la creación. La Trinidad es una comunión de amor que crea la vida. Por ello, no debería sorprender que la sabiduría de este sistema abierto de ecomunión, el equilibrio ecológico que da vida, esté entretejido en el tejido de la creación, o ecología. Así es como Darwin vio con una mirada científica la diversidad de la vida que prospera en la orilla enredada, lo que hemos visto con el ojo amoroso de la fe durante milenios: la sinergia ecológica como fuente y sustento de la vida.

Dentro de este concepto de Koinonia tenemos una constelación de términos en torno a la palabra griega *oikos*: Es la palabra griega que designa a esta comunidad terrestre. *Oikos* es la raíz de la palabra *oikoumene*, o ecuménico, que describe nuestra “casa común”, como la llama el Papa Francisco en *Laudato Si'*. Nuestra casa común, la Tierra, pertenece a Dios, y cada una de las amadas criaturas pertenece a este *oikos* común. la red



integral de relaciones que sostienen el bienestar de la Tierra. La ecología (*oikologia*) es el estudio de las relaciones entre los animales, las plantas y los minerales que desempeñan un papel en el mantenimiento del equilibrio de esta querida comunidad. Cada criatura es importante y contribuye a la salud y resistencia del ecosistema biodiverso en el que vive.

Las relaciones humanas también tienen importancia ecológica. Las relaciones económicas (*oikonomia*), sociales y políticas afectan al equilibrio de la creación. Todo lo que fabricamos, utilizamos y producimos tiene su origen en la Tierra, ya sea de origen mineral, vegetal o animal. Nuestros hábitos de consumo de energía y bienes afectan a la resistencia de los sistemas planetarios y a la capacidad de la Tierra para curarse y mantener la vida. Las relaciones económicas y políticas tienen efectos directos sobre la familia humana y los miembros más que humanos del *oikos* de Dios.

El problema de la sociedad moderna es que en algún momento nos convencimos de que la medida de nuestras relaciones (economía), se monetizaría. Y esto tuvo el efecto de ordenar nuestras relaciones de una manera que puede ser colonizada, dislocada de cualquier lugar o contexto. Podemos simplemente pagar por las cosas sin ninguna relación con ellas o con la tierra que las hizo. Por eso, parte de la recuperación para nosotros es volver a las enseñanzas de nuestra fe que nos recuerdan cómo los Humanos pertenecen a una relación correcta dentro de esta comunidad de la Tierra. Estamos hechos de la misma materia de la Tierra, y somos cuidados por nuestras co-criaturas y la tierra.

Y con esta pregunta en mente, podemos volver a la Biblia para retomar la historia.

Una lectura ecológica de la Biblia

¿Qué nos dice la Biblia sobre nuestro lugar en el mundo? ¿Qué nos dice la Biblia sobre la vocación humana fundamental?

En primer lugar, quiénes somos y qué somos. En el Génesis 1, el ser humano no se llama simplemente “Adán”. Más bien, la palabra adam proviene de *adamah*, que significa Tierra. Así, el Adán significa en realidad “terricola”, o uno de la Tierra. Esta es nuestra naturaleza humana, y por lo tanto, la misma “naturaleza” que normalmente llamamos “naturaleza”. Por eso, en términos de fe, solemos hablar de creación, en lugar de naturaleza. Porque ante la criatura, los terrícolas somos de la misma categoría teológica que los animales, las rocas, los árboles y el agua. Somos criaturas del Creador.

Entonces, ¿cuál es la relación, teológicamente hablando, entre el terrícola y nuestras co-criaturas? El capítulo 1 del Génesis contiene el



conocido texto de que los seres humanos deben tener dominio (*radah*) sobre la creación y someterla (*kabash*). Esto se interpreta normalmente como dominar. Pero, ¿cuál es la naturaleza del dominio fiel? No es dominar, ejercer poder sobre, sino que, reflejando la naturaleza de Dios, la Trinidad, que es una comunión de Amor, el dominio fiel o la supervisión significa poder-con. Emergencia. Devenir mutuo.

Génesis 2.15 nos recuerda que, entre nuestras co-criaturas, el Creador ha dado a los humanos una vocación especial para cuidar y mantener el *oikos* de Dios. Cultivar (*abad*) y guardar (*shamar*).

Esto incluye la tierra y todo lo que hay en ella, como dice el Salmo 24:1. Y este es el fundamento para que critiquemos la noción de una gran cadena del ser, en la que los seres humanos son la cima (*Uti/Frui*), y hagamos el giro biocéntrico para entender a los seres humanos como parte, cuidadores de la red de la vida. Esto es lo que se llama la metanoia ecológica, la conversión ecológica que tenemos que ayudarnos a hacer para reubicarnos, nosotros mismos en la creación.

Una “hermenéutica” ecológica para leer la Palabra y leer el mundo

Así pues, una perspectiva ecoteológica no es sólo una forma de leer la Biblia que destaca los pasajes sobre las criaturas más que humanas, sino que se convierte en una lente interpretativa para leer la Biblia desde el lado inferior, como la teología feminista, o la teología dalit, etc. La ecoteología lee la Palabra y el mundo a través de una perspectiva relacional, desde la ubicación primaria de los sistemas relacionales.

Y es una lente interpretativa (*hermenéutica*) para leer, o discernir la rectitud o injusticia de todas nuestras relaciones, específicamente las que contribuyen a los problemas de justicia climática, como el racismo ecológico, las consecuencias de género del cambio climático, etc.

Sabemos que actualmente estamos sobrepasando con creces esos límites planetarios. Entonces, ¿cuál es el significado teológico de sobrepasar esas relaciones y crear las condiciones que causan pérdidas y daños? Eso es lo que llamamos injusticia climática. Esto forma parte de la conciencia crítica y de las historias que ustedes aportan a estas negociaciones, dando testimonio de quiénes somos y qué somos, y de cuáles son nuestras relaciones que deben ser restauradas.

Restaurar las relaciones correctas es un proceso inherentemente ecológico, pero, esto no es diferente de nuestra tarea teológica de ubicarnos, correctamente, que es una tarea ecoteológica.



La eco-espiritualidad como cosmología y epistemología

Esto empieza por conocer tu tierra. Escuchando la voz de los silenciados por las injusticias climáticas (y excluidos del espacio político, social y económico), pero también escuchando la voz de la creación. Alimentar tu propia eco-espiritualidad (de la que tengo más que decir), pero la cuestión es volver sobre tus pasos, conocer tus ecologías, conocer tu tierra, los ritmos, las armonías y las disonancias para tener una historia que contar y conocer la voz que defiendes. Agustín: “Amamos lo que conocemos”.

Así que, cuando las narrativas de la política, la economía quieren contarnos una historia. Sobre quiénes somos como humanos, tenemos otra historia que contar. Como dice Emilie Townes, nuestra historia es una contramemoria que forma parte de nuestra resistencia, y se convierte en parte de nuestra resiliencia. Así pues, los cristianos somos personas con una historia, y tenemos que contarla para dotar a los demás, y a nuestros hijos, de una contramemoria, una contranarrativa para resistir a las narrativas neoliberales y privatizadas que nos han metido en esta crisis.

Así pues, Lynn White tenía razón en cuanto a la causa que está arraigada en la tradición cristiana, el uso tecnocrático y la mecanización de la Tierra. Pero Einstein también tenía razón en que no se puede utilizar el mismo pensamiento que te mete en una situación para salir de ella.

Ser un ecotono

Por eso necesitamos una ética no tecnocrática, teológica y ecoteológica. La ciencia del clima es buena, y la economía verde es correcta, y eso ayuda a mover la aguja política. Pero la cuestión es que necesitamos algo más que una solución tecnocrática. Necesitamos una espiritualidad ecológica. Esa es la esperanza que reside en nuestra tradición. Las Escrituras nos recuerdan que debemos estar dispuestos a dar testimonio de la esperanza que hay en nosotros. Y eso, para mí, es el enfoque ecoteológico que aportamos como organización religiosa en este entorno. Porque para comprender plenamente quiénes somos como humanos, en relación con Dios y con el mundo, necesitamos las historias de los demás. Esta es la teología Ubuntu, yo soy porque nosotros somos. Tú eres parte de mi historia. Y cuando se trata de mantener la Tierra y la justicia climática, estamos hablando del globo, de toda la Tierra. Así que este tema, más que otros en la teología pública, exige que tengamos una reflexión global.

Eso es lo que ofrece la FLM: una plataforma transcontextual para la reflexión ecoteológica como comunión, que informa la forma en que abogamos ante nuestras propias naciones durante esta etapa de las NDC en el proceso de la COP, por ejemplo. Pero también, en las últimas COP los



avances han estado relacionados con las Plataformas de Género y el espacio para las tradiciones de Sabiduría (Indígena y otras), para buscar soluciones basadas en la naturaleza. Y es aquí donde el conocimiento local de nuestras comunidades puede tener el mayor impacto.

La FLM es la conexión local con la global donde usted, y nosotros juntos, podemos llevar las historias de pérdidas, daños, lo que está sucediendo con la salud, la pobreza, los medios de vida, los factores de riesgo y las soluciones basadas en la naturaleza para mitigar y adaptarse al foro global que es la COP.

Por eso es tan importante tu ecoespiritualidad local. Porque lo que tenemos para ofrecer son esas historias que están arraigadas en las ecologías locales donde vives, adoras, amamos lo que sabemos.

Así que no sólo abogamos por las personas y los ecosistemas, sino por nosotros mismos, porque teológicamente somos la creación. No abogamos por la creación, sino que abogamos como creación. Y esa perspectiva está arraigada en una cosmología fiel, que es parte de nuestra historia como personas de fe, somos personas de una historia - como cristianos, su historia incluye (entre otras historias culturales) la historia de la reconciliación cósmica que se reveló en Jesús. Esa historia es donde comienza nuestra defensa.

Y la realidad es que esta es una voz que nuestros líderes de los gobiernos y de la sociedad civil esperan escuchar de ti en estos espacios. Buscan personas que puedan traducir entre las historias de las personas y los lugares de los que procedes, y el discurso técnico o político en el que vas a participar. Las personas como nosotros servimos de ecotono -¿sabes lo que es esto?

Un ecotono es una zona de transición entre dos comunidades biológicas, donde dos comunidades se encuentran e integran. Así, por ejemplo, entre el agua salada y la tierra habrá una marisma, que filtra y desaliniza el agua, y las especies acuáticas y terrestres de plantas y animales se mezclan en una transición que ayuda a los diferentes sistemas a comunicarse, ecológicamente hablando. Ese es tu trabajo, el de traducir tus conocimientos e historias y los de tus comunidades, incluyendo las especies y las tierras donde se originan tus historias, y traducir entre esas cosmologías y esas políticas deliberantes. Piensa en ti mismo como un ecotono, que no sólo ayuda a estos sistemas a comunicarse, sino que en tu reino, ambas especies pueden mezclarse. Como delegación de la FLM, somos un ecotono entre nuestras iglesias y estos espacios de deliberación. ¡Sé un ecotono!



Confía en tu historia

Por último, quiero animarte a que confíes en tu historia y en lo que sabes de tu arraigo en la creación donde estás. ¿Cómo sientes que Dios te ha llamado y equipado para cultivar y mantener tu rincón del jardín? ¿Cómo te ayuda tu historia de fe a reorientarte en el mundo, así como tu sociedad, economía, estructura política nacional y cualquier otra relación por la que te relacionas con tus co-criaturas humanas y más-que-humanas? Así que, confía en tu historia, cuenta tu historia, y deja que eso inspire y dé textura ecoteológica a tu mensaje en la COP

Chad Rimmer

Introducción a la ecoteología para la delegación de la COP 27 de la FLM





O corpo humano biocêntrico: Narrativa de criação da terra guarani

Nos primeiros contatos que tive com os Mbya-guarani, tive a oportunidade de ouvir uma grande liderança guarani, seu Alexandre Acosta, na aldeia do Canta Galo, narrando uma história de criação da terra. E desde, então, fiquei impressionada com o que ouvi:

“Quando Deus transformou o mundo, isso foi Deus. Quando Deus terminou a transformação do mundo para ter este mundo, trouxe três pessoas – enviados dele, meio Deus também, Karaí Xandaro. Deus veio para Terra com estas três pessoas, os três eram Karaí Xandaro. Deus perguntou para o primeiro que queria ser a Terra. Se tu fizer o que eu mandar e assim Deus falou para essas suas pessoas. Ele perguntou para esses três Karaí, se queriam ser a Terra. Perguntou para um, e o primeiro Karaí disse que não queria ser a Terra, e aí ele perguntou para o outro se queria ser este mundo, e ele também não queria. Então, Deus perguntou para o terceiro se queria ser este mundo e também não queria ser, porém propôs: se eu também puder pedir o que eu quero, e tu também cumprir, então, eu aceito ser a Terra. E aí ele aceitou. Aceito, só que tu, como é nosso Deus, eu farei como tu mandar. Com essa condição o terceiro Karaí aceitou ser a Terra, esse mundo. Já que tu é meu Deus, eu farei o que tu mandar. Por isso que existe esta Terra até hoje. Eu não queria ser esta Terra, mas vou ficar porque o nosso Deus mandou. Por isso que o terceiro ficou, e aceitou as palavras de Deus. Foi assim que Deus determinou este mundo, Deus é que transformou este mundo a partir deste Xondaro. Deus transformou o Karaí Xondaro em nosso mundo. Por isso que até hoje tem. Mas daqui em diante, quando eu precisar, tem que ser feito. E foi assim que até hoje tem o mundo, mas em troca tudo o que este mundo pedir, tem que ser feito. Esta terra que pisamos é nosso irmão. Por isso que a Terra tem algumas condições e por isso que o Guarani respeita a Terra, que é também um Guarani. Por isso que o Guarani não polui a água, pois é o sangue de um Karaí. Esta Terra tem vida, só que nós não sabemos. É uma pessoa, tem alma – é o Karaí. A mata, por exemplo, quando um Guarani vai cortar uma árvore pede licença, pois sabe que é uma pessoa que se transformou neste mundo. Esta Terra aqui é nosso parente, mas uma pessoa acima de nós. Por isso falamos para as crianças não brincar com a terra, porque ela foi um Karaí e até hoje ele se movimenta, só que nós não percebemos. Por isso, quando os parentes morrem, a carne e o corpo se misturam com a da



terra, porque a nossa carne é transformada em terra e é também feita de terra. Por isso que temos que respeitar esta Terra e este mundo que a gente vive. Foi assim que eu aprendi e sei como este mundo foi feito” (MENEZES, 2006, p. 130).

Esta concepção acima explicitada traz uma noção de que o humano, representado pelo Karaí, que é uma liderança espiritual, tem comunicação direta com a divindade, cede seu corpo, sua vida, para tornar-se terra e que esta emerge do sacrifício e rendição às leis divinas. A palavra sacrifício está relacionada ao sagrado, a conexão com a natureza divina. Outro aspecto que destaque, é pensar que a rendição ao divino leva à terra, ou seja, na matéria contém as leis divinas e a divindade precisa da matéria corpo humano para existir. A divindade precisa do humano e este busca ardorosamente a divindade, o sentido, o que desperta a função transcendente e criadora, conforme Jung (2014) argumenta em seus estudos da psicologia complexa.

É no encontro entre a divindade e o corpo humano que desperta a consciência da vivência e pensamento biocêntrico, desenvolvida por Toro (2002), no qual compreendemos que a vida existe para além do humano e a partir do humano. Nessa perspectiva a matéria e o espírito, bem como o humano e o divino são indissociáveis. Portanto, podemos pensar que resgatar esta indissociabilidade é voltar a origem, encontrar na terra a vida, um modo de pertencimento e enraizamento que nos faz sentir somos parte de uma totalidade. Eis um caminho para o que Wendland (2022) desenvolve na ideia de poética intercultural entre indígenas e não indígenas, bem como a terra e a educação. Desta maneira, podemos superar as dicotomias e o que nos parece insustentável de conviver e de cuidar: terra e educação, cotidiano e saúde, o humano e a divindade, a matéria e o espírito, o sensível e a racionalidade.

Ana Luisa Teixeira de Menezes

Grupo de Pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade

Referências bibliográficas:

MENEZES, Ana Luisa Teixeira; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Educação ameríndia: a dança e a escola guarani**. Santa Cruz do Sul: ADUNISC, 2006.

JUNG, C. G. (2014). **O livro Vermelho**. Liber Novus. Vozes.

TORO, Rolando. **Biodanza**. Petrópolis: vozes. 2002.

WENDLAND, Carine. **Poética intercultural na educação: modos de estar-sendo e fazendo ser entre indígenas e não-indígenas**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3387>. Acesso: 20 mai. 2022.



Tierra, vida, ecoteología: Reconexiones

En el contexto del creciente interés y preocupación por nuestra madre tierra y la vida hay una creciente búsqueda de una mayor comprensión y acción para preservar y restaurar la salud de nuestro entorno natural. La tierra, nuestro hogar común, es un sistema complejo y interconectado en el que la vida florece en una asombrosa diversidad de formas y manifestaciones.

Es importante reconocer la interdependencia entre los sistemas naturales y las dimensiones espirituales y religiosas de la vida humana. Nuestras creencias, prácticas y valores religiosos influyen en nuestra relación con la tierra y determinan nuestras acciones hacia ella. Busquemos reconectar y reconciliar nuestras perspectivas espirituales y ecológicas, y fomentemos un sentido de reverencia y cuidado por toda la creación.

Las reconexiones en el ámbito de la tierra, la vida y la ecoteología son multifacéticas. Por un lado, implica volver a conectar con nuestra propia naturaleza intrínsecamente vinculada a la tierra, reconociendo nuestra interdependencia de los ecosistemas y la necesidad de vivir en armonía con ellos. Esto implica un cambio de mentalidad, donde adoptamos una perspectiva de custodios responsables de la tierra en lugar de meros consumidores.

Además, la reconexión también implica restablecer nuestra relación con otras formas de vida en el planeta. Reconocer la dignidad y el valor intrínseco de todos los seres vivos, y trabajar para proteger y preservar la diversidad biológica en todas sus expresiones. Significa escuchar y aprender de las enseñanzas que la naturaleza tiene para ofrecernos, y reconocer que somos parte de una red interdependiente de vida.

La reconexión en el ámbito de la tierra, la vida y la ecoteología implica trascender las barreras artificiales que hemos creado entre lo humano y lo no humano, lo sagrado y lo profano. Nos invita a abrazar una visión holística del mundo, donde la espiritualidad y la ecología se entrelazan en un diálogo continuo y en una acción conjunta para sanar y proteger nuestra casa común.

Elena Cedillo

Programa Ejecutivo para la Justicia Climática
de la Federación Luterana Mundial - FLM



Terra, vida, partilha e comunhão!

A reflexão sobre o meio ambiente, nossa casa comum, nos convida a refletir e agir no cuidado de toda a vida no Planeta e no multiverso. Pois, não somos os únicos seres vivos do Planeta, como também não somos independentes do ciclo vital. Dependemos dos demais seres vivos para viver bem. Desta maneira, toda a vida no multiverso tem conexões de complementariedade e interdependência para o bem e preservação da vida.

“Mas pergunte agora aos animais, e cada um deles o ensinará; pergunte às aves do céu, e elas lhe contarão. Ou fale com a terra, e ela o instruirá; até os peixes do mar lhe contarão. De todos estes, quem não sabe que a mão do Senhor fez isto? Na sua mão está a vida de todos os seres vivos e o espírito de todo o gênero humano”. Jó 12:7-10

Em Gênesis capítulo 1 e 2, no relato da criação, temos o testemunho de que o ser humano é parte integrante da criação e não proprietária e dona, com poder para explorar e consumir sem consequências para a vida. Destarte, precisamos viver e existir como cooperadoras e cooperadores de Deus no cuidado e manutenção da criação, que era e é boa e bela para Deus. Assim, o ser humano criado por Deus tem o encargo de cuidar e cultivar a criação. Ou seja, ser uma pessoa cooperadora de Deus na proteção, preservação e manutenção da vida criada por Deus.

A narração de Gênesis não objetiva ser um tratado ou descoberta científica, com legitimidade histórica ou biológica, sobre a origem da vida. O texto é uma confissão de fé. Confissão, de um povo que afirma que toda a vida é proveniente de Deus. Ele é o criador e mantenedor da vida na terra e no cosmos, que gerou toda a vida do seu amor e desejo de convivência.

Outro fator interessante na narração é que todos somos formados do pó. Ou seja, a nossa ligação intrínseca com a vida vem da terra. Precisamos dela para viver e sobreviver. Nossa sobrevivência vem dos seus frutos, e assim, também nós somos frutos da terra.

“A Deus pertence a terra e a sua plenitude, o mundo e os que nele habitam”. Salmos 24.1



A justiça socioambiental procura reconciliar e resgatar relações saudáveis de cuidado em toda a criação. Fomentando ação de reflexão e aprendizagem de viver e conviver e não apenas consumir, explorar e devastar. Possibilitar que grupos sociais, independente de raça, etnia, gênero ou classe social, possam ter igual direito de acesso aos recursos naturais (água limpa, solo fértil, ar puro etc.) fundamentais a uma vida digna e saudável. Como também, que ações, obras, projetos ou políticas com consequências ambientais negativas, como devastação, poluição e extinção sejam fiscalizadas e extirpadas.

Um documento fundamental para refletirmos e aprofundarmos é “A Carta da Terra”, proposto durante a Rio-92, voltada para assuntos acerca de uma sociedade global pacífica, justa e sustentável. Ela propõe uma mudança de hábitos para alcançar um futuro melhor para toda a vida no planeta. A Carta da Terra possui 16 princípios básicos, os quais estão agrupados em quatro grandes tópicos:

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.
2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.
3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.
4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.
6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.
7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.
8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido.

III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.
10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.
11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para



o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas.

12. Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

IV. DEMOCRACIA, NÃO VIOLÊNCIA E PAZ

13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça.

14. Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.

15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

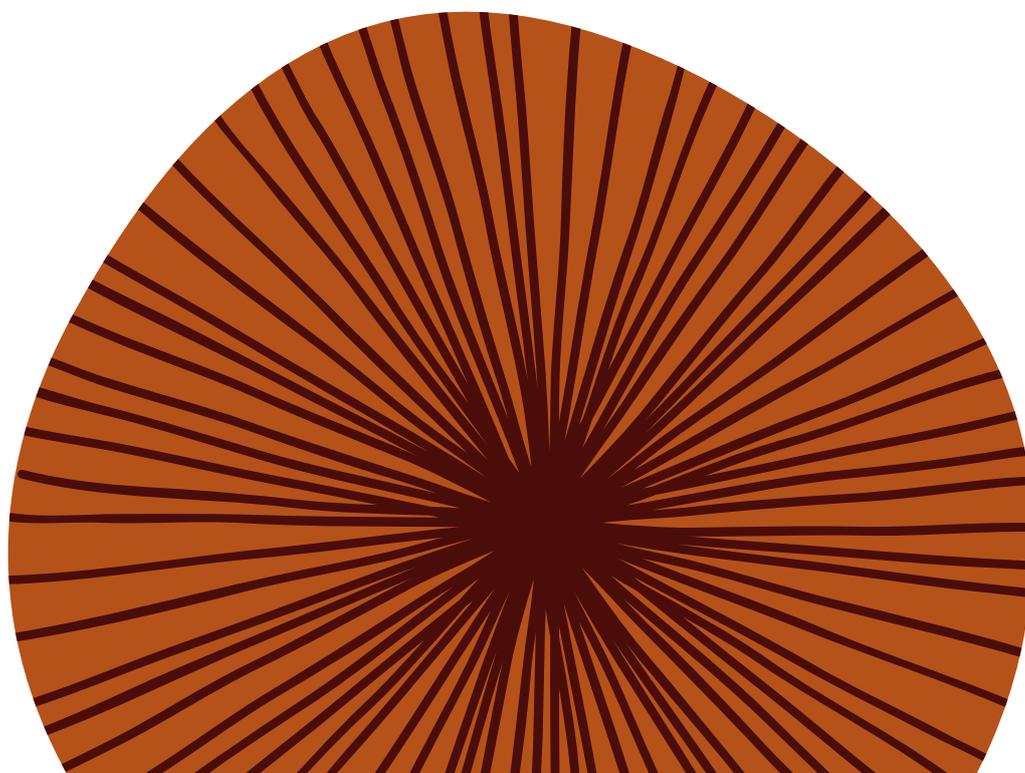
16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

Os princípios da Carta da Terra nos convidam à transformação. A vida na terra nos conclama a buscar a mudança de vida, de modelo sociocultural. Um novo sentido de interdependência, complementaridade global e de responsabilidade universal. Desenvolver e aplicar com sensibilidade e imaginação a visão de um modo de vida sustentável.

Somos pessoas convidadas a ter compromisso e testemunho de fé que reflita e repense o modo de viver, relacionar-se e consumir com complementaridade. Vivendo o termo da sustentabilidade em sua amplitude como a arte do bem viver.

Pastor Olmiro Ribeiro Junior

Secretaria de Ação Comunitária IECLB





A criação não está à venda

Um subtema do tema do ano de 2016 diz: “A Criação não está à venda”. Mas um pequeno grupo de pessoas neste mundo ganha muito dinheiro com a exploração da Criação de Deus: especialmente com carvão, petróleo e gás, chamados: Energias Fósseis.

Hoje sabemos que queimamos em um dia a mesma quantidade de energias fósseis que a terra armazenou em milhões de dias. E, muitas e muitos de nós esquecem que gasolina e diesel também são grandes quantidades de energia que gastamos com o nosso transporte diário. Isso perturba o equilíbrio da nossa casa comum, a Terra, que Deus criou para nós e todos os tipos de vida, e que não continuará como foi feito.

Hoje temos alternativas técnicas para o nosso consumo de energia: os vários tipos de energia solar. Mas por que ainda usamos tão pouco?

Até agora em minha vida - em diferentes países e, claro, também aqui em nossa Igreja Luterana IECLB - conheci comunidades eclesiais muito diferentes. E elas também reagem de forma muito diferente ao que acontece todos os dias com esta maravilhosa criação de Deus - criada para todas e todos nós. Há pessoas cristãs que - também por ganância - participam e se enriquecem com a exploração dessa criação. E há outras pessoas cristãs que tentam ter a máxima responsabilidade possível contra este agravamento da situação de nossa casa comum, a Terra.

Essas últimas interpretam as primeiras páginas da Bíblia de tal forma que nós, como Jardineiras e Jardineiros de Deus, temos uma grande parcela de responsabilidade pelo cuidado da criação.

Outros, não apenas as gananciosas e os gananciosos, acreditam que Deus resolveria tudo sozinho. Afinal de contas, ele prometeu: “Enquanto durar a terra, plantio e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite jamais cessarão” (Gênesis 8). Portanto, ele também deve cuidar por si mesmo da criação: uma promessa é uma promessa!

Nós, as ativistas e os ativistas do Galo Verde, consideramos que essa interpretação da Bíblia que deixa a responsabilidade somente com o Deus está errada. **Para nós, a missão é sermos bons jardineiros e boas jardineiras no jardim de Deus, ou seja, criar um efeito positivo em Sua Criação. E um**



bom jardineiro só tira do jardim o que realmente cresce novamente ou pode ser replantado. E ele cuida para que todas as plantas e seres vivos do jardim possam viver e se desenvolver bem. Nenhum bom jardineiro explora o solo fértil de tal forma que nada mais possa crescer ou viver novamente depois disso.

Hoje, já aprendemos na escola como as ações de nós, humanos, são ruins para o restante da criação: somos todos responsáveis pela extinção de espécies, mudanças climáticas, pandemias até então desconhecidas etc. Sabemos disso! Portanto, não preciso enumerar todos esses fatos novamente. Mas será que realmente queremos ouvir isso? Mesmo se ouvirmos, podemos ignorar tudo isso. Mas se ouvirmos e levarmos isso em nosso coração, só poderemos participar da preservação dessa obra única de Deus. Por isso gostaríamos de convidar todas e todos vocês, mas especialmente pessoas membros das congregações de nossa igreja.

E, nesse ponto, quase sempre surge a pergunta: Sim, mas o que eu (ainda) devo fazer?

A primeira possibilidade é: dar a cada pessoa o direito de reivindicar o que você mesmo reivindica. E se você perceber que isso não é suficiente para todos, então você está reivindicando demais. Terá de mudar seu estilo de vida. Da mesma forma que uma pessoa que se converteu à fé cristã não continuará simplesmente a viver da mesma forma que vivia antes.

A segunda possibilidade é: não faça o que você quer fazer sem antes pensar nos efeitos que isso poderia ter sobre seus semelhantes e suas “co-criaturas” (e também sobre todas as plantas). Isso começa com coisas cotidianas muito simples. E não é fácil. O intercâmbio com pessoas que pensam da mesma forma é muito importante. E se isso puder acontecer na comunidade de sua igreja, será ainda mais valioso, pois vocês têm a mesma base como cristãos e cristãs!

E a terceira possibilidade é: questionar e pressionar todas as pessoas politicamente responsáveis que você elegeu. Isso se aplica aos Vereadores, aos Deputados Estaduais e Federais, aos Senadores e a todo o governo. Eles não estão lá apenas para melhorar a estrada em frente à sua casa, mas também para preservar e expandir as áreas ecológicas que ainda estão razoavelmente intactas.

Com vontade política, o novo governo poderia, por exemplo, reorientar as despesas das grandes hidrelétricas em sistemas fotovoltaicos e energia eólica para a população. Com isso não seria necessário inundar grandes áreas e aumentaria a produção desses sistemas: o preço de produção cairia e haveria um impacto ambiental menor. Isso seria uma economia social real para toda a população.



Minha experiência na Alemanha mostra que, sem a pressão de massas, a política só irá mover-se lentamente (ou nunca). E essa pressão de massas será criada por informação e educação. Este também é o nosso trabalho como cristãos e cristãs nessa sociedade. Aqui não devemos colocar nossa luz debaixo do alqueire!

Também, o que já está começando bem devagar, precisamos uma discussão sobre a exploração do petróleo no Brasil. Vamos realmente ganhar mais qualidade de vida para a população quando abrimos fontes novas de petróleo no norte? Ou seria melhor deixar esta energia fóssil na terra para ajudar a diminuir o aquecimento global? Essas temperaturas mais altas em todo o mundo criarão condições de vida para nossos filhos e netos que só podemos imaginar hoje e que nos custarão muito mais dinheiro no futuro.

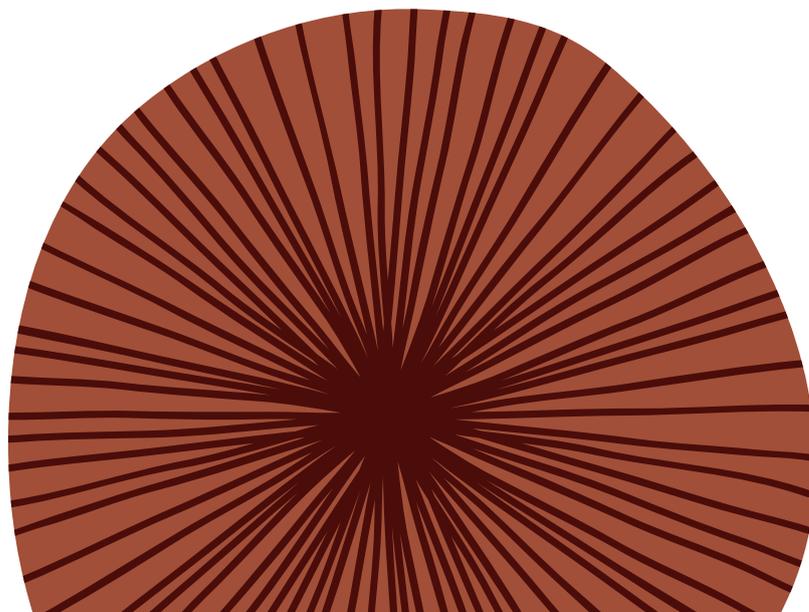
Da mesma forma, precisamos discutir se queremos obter “dinheiro rápido” da Amazônia na forma de madeira, diamantes, ouro, etc., ou se queremos aproveitar o enorme potencial de riqueza ecológica (plantas medicinais, frutas, etc.) a longo prazo. Isso protegeria permanentemente a floresta tropical, que é responsável também por 80% da chuva em grandes áreas do Brasil.

Assim como Josué confrontou os israelitas pouco antes de sua morte com a escolha de qual caminho tomar - o caminho para uma vida boa ou o caminho para a destruição: assim todos nós temos uma escolha - abraçar esta Criação de Deus ou simplesmente deixar a destruição continuar.

Que Deus nos conceda muita sabedoria para essa decisão.

Johannes Gerlach

Coordenador do Projeto Ambiental Galo Verde





E Deus viu que isso era bom

E Deus viu que isso era bom... Desde a criação da luz, Deus se dedica várias vezes a parar e contemplar o que criou, perceber e apreciar o bom e belo de sua obra. O divino cria tudo de forma harmoniosa e relacional, dando espaço e importância a cada obra. Ao criar o ser humano, o faz como o ápice de toda a criação dando-lhe o fôlego da vida e a tarefa de cuidar, cooperar e administrar o esplêndido universo.

Gênesis faz uma bela narrativa de toda obra criacional, sendo a humanidade a centralidade magnífica de toda obra... e viu Deus que isso era bom. Não surgimos do mero acaso evolutivo, nem somos obra do capricho de deuses. Ao sermos criados à imagem e semelhança de Deus, somos como marca distinta postos nesse universo para espalharmos a imagem do Criador. Fazemos tudo conforme a vontade divina, em atitudes e pensamentos. Vemos o ser humano como a completude da criação, com liberdade, autoconsciência, determinação e como um todo com valor e importância - a dignidade humana. Ser criado à imagem e semelhança de Deus, homens, não só os reis e poderosos, e mulheres, todas as pessoas, parecidas e dotadas para estabelecer relação pessoal com Deus e autoridade sobre o universo.

Essa visão e valorização antropocêntrica, valorização apenas do ser humano, desconsiderando os outros seres vivos que povoam o planeta e a terra que é casa comum de todos e todas, dada pelo cristianismo ao longo dos séculos tem gerado grande problemática e desarmonização de toda criação.

É evidente a partir da queda do ser humano e sua expulsão do paraíso que a humanidade não tem vivido conforme a vontade do seu criador. A humanidade tem deturpado a tarefa de cuidar e administrar o universo.

A era moderna é determinada pelo domínio e exploração do ser humano sobre a natureza e todo o universo. Esse domínio chega ao seu limite. Todos os acontecimentos climáticos indicam que a Terra está se alterando drasticamente por obra dos comportamentos humanos. E quem mais sofre e reclama da alteração climática é o próprio ser humano.



O ser humano não rompeu com o Criador apenas ao ser expulso do Éden, rompe diariamente ao dominar, explorar e subjugar todo o universo e sua própria espécie. Não se esforça para ser a imagem e semelhança, mas age de forma a ocupar o lugar do Criador.

Em tempos pós-pandêmicos, o acesso ao conhecimento e a tecnologia foram acelerados e facilitados, o que não torna a humanidade mais evoluída e consciente. Acredito que o óbvio precisa ser dito e ensinado. O ser humano tem a informação, o conhecimento científico de que precisa para agir corretamente e preservar o planeta e seus recursos.

Ter poder não é escravizar, subjugar ou explorar todos os recursos até esgotá-los, mas conduzi-los com responsabilidade, cuidar da casa comum sem ameaçar sua existência.

Sabemos de tudo isso, temos o conhecimento que precisamos sobre não desperdiçar água, sobre a separação adequada de resíduos, sobre a preservação de rios e nascentes, sobre o reflorestamento e matas nativas, sobre a preservação do solo e seus recursos. O conhecimento está acessível e nada fazemos como o que sabemos. Vivemos como se tivesse outro planeta para habitar. Mas porque é tão difícil fazer o que é certo? Porque é tão difícil cumprir a vontade de Deus?

Imitar a Deus, cuidando de toda a criação, concede aos humanos a incrível oportunidade de exercer a boa administração da terra, do meio ambiente e de respeitar todas as formas de vida.

É urgente a tomada de consciência para que a humanidade salve a si mesma e ao planeta. Hoje se fala muito em empreendimentos e economia sustentáveis. Entramos no discurso da moda, startups prometem revoluções e inovações. Iniciativas privadas se veem forçadas a buscar novas formas de consumo e de desenvolvimento de seus produtos. Diante desse novo cenário se faz necessário a busca por práticas sustentáveis ecologicamente, compreender a natureza de um modo novo e de uma nova imagem de ser humano com práticas coerentes com a preservação da vida. É necessário uma nova construção de relação com Deus em nossa cultura, deixando de lado a soberba humana e assumindo com humildade a total dependência da terra e dos seres vivos.

A pandemia e as guerras recentes mostraram o quão dependentes somos na produção de alimentos por alguns países. Não produzimos o básico para nossa sobrevivência.

Em tempos passados, nossa economia de subsistência se baseava no troca-troca. Plantava-se determinados alimentos e trocava-se no armazém



local por algum produto que faltava ou se trocava com o vizinho. A troca garantia o alimento básico e o acesso sem dispor de valor monetário. Fazia parte de hábitos e práticas sustentáveis. É urgente fazer um caminho de volta e retomar práticas que dignifiquem a vida e o cuidado com o ecossistema.

Há uma onda crescente de iniciativas de hortas urbanas em busca da soberania alimentar e práticas coletivas de cuidado com a Terra. A coletividade busca uma retomada da responsabilidade e da ética do cuidado com todos os seres vivos e a Terra.

Hortas urbanas fomentam a coletividade, regras de convivência, manejo correto do solo, autonomia na produção, diversidade de cultivos e respeito com a terra. É um movimento de exercício de cidadania e resignificação da vida.

No trabalho coletivo experimenta-se a igualdade de gênero e de classes. Ali no manejo do solo, no cultivo de hortaliças, no planejar do alimento, na lida da vida experimentamos a igualdade perante nosso criador. Após a colheita e divisão do trabalho do dia divide-se tudo em partes iguais o que faz real sentido e torna tudo justo e igualitário. Talvez sejam esses os movimentos humanos que irão resgatar a relação da criatura com o seu criador. Um novo tempo se faz necessário, um despertar de consciência humana urge diante dos impactos ambientais que temos experimentado.

O ser humano precisa confessar seus pecados, reconhecê-los e ressignificar suas práticas para andar em novidade de vida com o seu criador para que possa garantir a permanência e a continuidade de sua descendência na terra e sua salvação.

Rogamos que a Ruah divina nos conduza por novos caminhos, nos quais o coletivo de amor e cuidado prevaleça para que o Criador continue a suspirar maravilhado com todas as suas criaturas... Deus viu que tudo o que havia feito, e eis que era muito bom.

Pastora Cristiane I. Echelmeier
Coordenadora da Horta Comunitária Redentor



Justiça socioambiental: uma caminhada em defesa da vida

Existem muitas comidas que podem ser consideradas “boas”, e certamente isso varia de pessoa para pessoa. Umas preferem o doce, outras o salgado... Mas, para você, o que é “comida boa”? Te convidamos a olhar para este conceito a partir também de uma perspectiva ampliada e das interconexões que perpassam essa compreensão (e que também tem tudo a ver com “justiça socioambiental”).

Uma “comida boa” não está relacionada somente ao seu sabor, mas também a todo o contexto no qual ela foi gerada, cultivada, preparada, até chegar em nosso prato. Saber de onde ela veio, quem a produziu, de que maneira, são elementos importantes para entendermos se as relações envolvidas na sua elaboração são “boas” – para as pessoas e para todo o meio do qual elas fazem parte. Falar em “comida boa” é falar em relações justas de trabalho, de relação com a terra, de equidade entre as pessoas e entre todas as formas de vida. É estar em conexão com uma perspectiva de *justiça socioambiental*, que preconiza a construção de um novo paradigma planetário, baseado no cuidado e no respeito à biodiversidade e à sociodiversidade.

O conceito de injustiça socioambiental denuncia que os impactos decorrentes dos processos de exploração e degradação ambiental afetam as pessoas de forma desigual, recaindo com mais força sobre aquelas em situação de maior vulnerabilidade. Procure lembrar das notícias que envolvem desastres ambientais, como enchentes, inundações, temporais... Ou os crimes ambientais causados pela mega mineração... Ou os efeitos causados pelo avanço dos desmatamentos... Ou as situações de insegurança alimentar... A quem recaem os impactos, de maneira mais forte e direta?

A perspectiva da justiça socioambiental quer trazer para o foco a atuação pela defesa dos direitos de todas as pessoas e de todos os seres, incluindo seus territórios e espaços de vida. Nessa leitura, a dimensão econômica, política, social, cultural, ambiental, espiritual estão todas interconectadas, e precisam ser consideradas desde esta conexão, quando se trata das questões socioambientais. O modelo econômico exploratório, pautado no uso infinito dos bens naturais, traz ameaças extremas à continuidade da



vida. Ele desconecta a humanidade da sua essência, descola nossos pés do barro – quer fazer com que percamos a conexão com o todo do qual somos parte. Descolam-nos da teia da vida, como se fôssemos seres à parte da natureza.

Entretanto, há vozes de resistência que têm chamado para este retorno: os povos indígenas, desde o seu Bem-viver, mostram, secularmente, outra forma de nos relacionarmos com o mundo. Povos e comunidades tradicionais, na sua íntima relação com seus territórios, nos ensinam outros jeitos de viver, em respeito com a vida. As mulheres e juventudes ecoam por mudanças em uma sociedade patriarcal e indicam novos caminhos necessários para a consolidação da justiça de gênero e geracional. Agricultoras e agricultores familiares apontam para a agroecologia como saída para uma vida com mais saúde, para terras, rios, pessoas, plantas, animais. Coletivos da economia solidária mostram outras formas de produzir e consumir, mais conscientes, sustentáveis e justas. Há vozes ecoando, e elas nos chamam para somarmos junto com elas, na caminhada pelo cuidado com a natureza, com a vida, na caminhada pela justiça socioambiental, com comida boa.

E existem muitas possibilidades de ações individuais e coletivas que podem ser realizadas no cotidiano e que auxiliam na busca por este caminho:

- ◆ Dar preferência à compra de produtos locais, produzidos pela agricultura familiar e agroecológica;
- ◆ Adotar o uso de sacolas reutilizáveis para as compras;
- ◆ Levar consigo sua garrafa de água reutilizável;
- ◆ Adotar o uso de filtros de barro;
- ◆ Buscar conhecer as ações de organizações socioambientais da sua região;
- ◆ Levar o debate sobre justiça socioambiental para a escola, grêmios estudantis, grupos de jovens, grupos comunitários;
- ◆ Planejar campanhas comunitárias sobre o tema da justiça socioambiental e defesa do meio ambiente;
- ◆ Estar atentas e atentos a projetos na sua região que impactam ou possam impactar os bens comuns;
- ◆ Valorizar e conhecer a história dos ambientes de sua região;
- ◆ Organizar rodas de diálogos e trocas de saberes com pessoas das comunidades (agricultoras e agricultores, povos e comunidades tradicionais da sua região)...

... e o que mais a criatividade, a mobilização e o trabalho coletivo inspirar! Vamos lá preparar comida boa?

Julia Witt

Assessora de projetos - FLD-COMIN-CAPA



Rede de comércio justo e solidário: promovendo a economia solidário, a agroecologia e o consumo responsável

Comprar produtos de uma grande empresa internacional ou numa feira de agroecologia e economia solidária na comunidade faz diferença? Você conhece as condições de trabalho e o impacto no meio ambiente da empresa ou empreendimento da qual compra produtos? O que fazemos com os produtos que descartamos, destinamos de forma correta?

Estas perguntas remetem aos padrões de produção e consumo. O atual modelo dominante de desenvolvimento é baseado no crescimento econômico, na expansão do consumo, na exploração de trabalhadoras e trabalhadores e dos bens naturais e tem gerado crises ambientais e profundas desigualdades sociais, econômicas, de gênero e étnico-raciais. De que outra forma a sociedade poderia se organizar para diminuir as desigualdades, preservar a natureza, respeitar trabalhadoras e trabalhadores e os direitos humanos? Como podemos avançar para assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis, conforme o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável, ODS 12?

A Fundação Luterana de Diaconia, Conselho de Missão entre Povos Indígenas e Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia, FLD-COMIN-CAPA, busca promover a justiça socioambiental, a justiça econômica e os direitos humanos sustentada na diaconia transformadora. A sua Política de Justiça Socioambiental menciona que justiça socioambiental visa promover justas relações entre diferentes grupos sociais e o ambiente onde se inserem, como base para a construção de modelos de sociedade capazes de garantir a plena forma de vida de todos os seres do planeta. Justiça econômica é o anúncio de transformação social, significa o direito e a capacidade de todas as pessoas viverem livres de pobreza, de forma justa, humana e digna. Falar em Justiça Socioambiental na perspectiva da diaconia transformadora é também trazer a perspectiva do cuidado e do respeito para com a criação.



Cuidar do planeta, sentir-se parte integrante desse ecossistema, resgatar a concepção de que a humanidade é parte integrante da criação e não acima dela.

Em 2012 foi criada a Rede de Comércio Justo e Solidário, a partir de grupos comunitários apoiados por meio do Programa de Pequenos Projetos da FLD. A Rede reúne empreendimentos econômicos solidários dos segmentos da alimentação, artesanato, confecção, reciclagem e serviços nos três estados da região Sul. A Rede tem promovido junto a IECLB ações de sensibilização, reflexão e formação sobre comércio justo e solidário, economia solidária e adoção de outra forma de consumo, com compromisso social e ambiental, por meio da aproximação entre pessoas produtoras e pessoas consumidoras. Nas comunidades, escolas e eventos podem ser realizadas feiras de economia solidária e agroecologia e oficinas sobre consumo responsável. Os produtos, serviços e contato dos empreendimentos podem ser encontrados no site: <https://comerciojustofld.com.br/>

A economia solidária é uma forma de produção, comercialização e consumo que promove a geração de trabalho e renda, com inclusão e justiça social para diminuir a desigualdade. É uma nova relação com o sistema econômico, pautada no cuidado aos seres humanos e o meio ambiente. Fomenta o consumo responsável e o desenvolvimento local sustentável, de acordo com as características de cada território e respeita a diversidade de gênero, raça, etnia, tendo no horizonte, uma economia em comunhão com a natureza e o respeito do ser humano. Valorizar a economia solidária é valorizar o trabalho humano a partir de uma remuneração que possibilite que se viva com qualidade de vida. Fazer com que o dinheiro circule na comunidade, nos coletivos pequenos, potencializa a comunidade, uma economia que emancipa e dignifica as pessoas e respeita a natureza. Para vivenciar e valorizar a economia solidária é necessário que reconheçamos, a importância de consumir de coletivos que exercem o princípio da gestão democrática, da solidariedade, da cooperação e do respeito a natureza.

A agroecologia é movimento, prática, ciência e espiritualidade. Engloba princípios, conceitos e metodologias que têm como prioridade manejar e cuidar dos bens naturais com respeito e harmonia. Promove vida boa, saúde e segurança alimentar com relações socialmente justas. Busca assegurar os direitos dos territórios e os saberes e modos de vida tradicionais e ancestrais. A agricultura familiar agroecológica produz alimentos sem o uso de agrotóxicos, produzindo uma alimentação saudável, com qualidade de vida para quem produz e quem consome, cuidando da natureza e valorizando a biodiversidade.

Praticar o consumo responsável significa analisar se aquilo que estamos adquirindo é necessário, se respeita a natureza e se o preço é justo. O consumo desnecessário de bens naturais compromete a capacidade



de recuperação do planeta. Importante reduzir o volume de materiais descartadas, de reutilizar e reciclar os materiais, garantido o descarte de forma correta e destinando os resíduos sólidos recicláveis às associações e cooperativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis.

No consumo responsável, ao escolher os produtos e serviços para comprar se leva em conta, o meio ambiente, a saúde humana e animal e as relações justas de trabalho. O consumo responsável prioriza a compra de produtos e serviços da economia solidária e da agroecologia, produzidos localmente. Consumo responsável faz com que o ato de compra seja um ato diaconal transformador.

Angelique van Zeeland

economista, doutora em economia do desenvolvimento, assessora programática da FLD.

Referências

FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA – FLD. Política de Justiça Socioambiental. Disponível em: <https://fld.com.br/documentos-institucionais/>
Rede de Comércio Justo e Solidário: site: <https://comerciojustofld.com.br/>

ZEELAND, Angelique J. W. M. van. Economia solidária, diaconia e desenvolvimento transformador: por mudanças significativas e duradouras. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014. Disponível em: <https://fld.com.br/publicacao/economia-solidaria-diaconia-e-desenvolvimento-transformador/>



Mudanças climáticas: qual o nosso papel como indivíduos e comunidade nesse novo desafio

Um grande desafio foi dado a nossa geração, depois de milênios de estabilidade climática que permitiram que toda a nossa civilização como a conhecemos se desenvolve-se, enfrentamos um tempo que será moldado pelas mudanças climáticas. Não percebemos o quão sensíveis são os pilares que mantêm nosso conforto, e como ele é muito mais dependente da natureza, do que simplesmente da tecnologia. Para visualizarmos isso, basta olharmos para a dispensa onde guardamos nossos alimentos, cada alimento ali, direta ou indiretamente, dependeu de um solo para o seu cultivo, um conjunto de organismos que fixam nutrientes e auxiliam no desenvolvimento das plantas, insetos polinizadores e água, em maior ou menor quantidade.

Durante muito tempo, nossa civilização se desenvolveu de forma muito mais harmoniosa com a natureza e seus recursos, as civilizações originárias do Brasil são um ótimo exemplo disso, antes dos colonizadores chegarem com suas doenças e armas de fogo, as pessoas que aqui habitavam praticavam a agricultura respeitando a natureza e desenvolvendo redes de comunidades extremamente complexas, que somente agora alguns historiadores começam a desvendar. Esses povos reconheciam na natureza a sacralidade do universo, e cultuavam os elementos naturais e dessa forma, naturalmente trabalhavam com o que hoje, no século 21 denominamos como soluções baseadas na natureza. Mas é interessante perceber, como gradativamente, nossa geração, começa a olhar novamente para esses elementos naturais. Agora, temos que reaprender com os ecossistemas, usando a ciência e nossos pesquisadores para isso, e o conhecimento científico antes fragmentado, começa gradativamente a ser integrado.



Esse é um processo coletivo, mas que se inicia no esforço e ação de cada indivíduo, e nesse sentido, é fundamental pensar que cada pequeno esforço conta nesse processo. As grandes rupturas e mudanças não ocorrem de forma tão repentina como podemos pensar, existe a necessidade de uma construção prévia, ou desconstrução, como preferiram entender, onde se iniciam as bases para o novo surgir, e esse é um processo diário, onde podemos começar a questionar ações e hábitos. E dessa forma, com um conjunto de pequenas ações, vamos gradativamente transformando o lugar onde vivemos para melhor, e isso, tenham a certeza, irá trazer benefícios para todo nosso planeta. Dessa forma, não se sintam pequenos ou sozinhos, nessa caminhada, tenham a certeza, que a mudança está acontecendo, resta saber se terá a velocidade que precisamos para manter nosso padrão de vida pois, a vida na Terra seguirá, mesmo no pior dos cenários futuros, mas a nossa civilização, como a conhecemos não.

Eng. Ambiental Marcelo Luís Kronbauer

Universidade de Santa Cruz do Sul



Biopolítica e Ecopolítica no Brasil

Estas linhas perfazem-se no delinear da disciplina Biopolítica, Necropolítica e Precaridade. Cabe, aqui, amplificar conceitos a mim novos, todavia imbricados de curiosidade, carregados de história, e, com sentidos do mundo. O tempo-espaço de cartografias poéticas e não poéticas nos põe no mundo em confronto a realidades ocultadas. Um tempo de modernidade líquida, contemporaneidade ou pós-contemporaneidade, de modo que, como aportes iniciais, trago menções breves sobre modos de ver o mundo sob ângulos biopolíticos e do poder no Estado neoliberal atual, quando então, adentro ao meu mundo em pesquisa: carrego comigo a terra e as poéticas que me cercam e buscarei aproximações possíveis a partir de movimentos como a participação na COP27, a escuta aos povos indígenas e à natureza, no reconhecimento desta última como estado de exceção permanente.

Considero que o ato de nomear faz parte do viver. Indígenas não tem essa necessidade. Palavras como espiritualidade e política, por exemplo, não existem em seu vocabulário, há uma amplificação muito maior do que esses termos nos significam. Todavia, a nomeação para os e as não-indígenas é um modo de reconhecer a existência, valorar. Para tanto, tomemos como exemplos alguns dos conceitos foucaultianos, repensados e perpetuados por tantos outros autores e autoras.

Reconhecendo o poder não mais no singular, mas para populações, adentra-se aos campos da biopolítica. Esta contemporaneidade que estamos imbricados e que avança a largos passos, prendeu-se ao neoliberalismo, que governa os indivíduos por sua própria autorresponsabilização, desvinciliando-se, portanto, de mecanismos de proteção social. Chega-se numa luta do Estado neoliberal contra tudo aquilo que possa se tornar obstáculo, inclusive a própria população e a natureza. Há, assim, o que Dardot, et al. (2021) chama de demofobia, a fobia ao povo.

A segurança prometida à população justificaria as intervenções excepcionais do Estado, ou seja, aquelas que controlam a lei. A lógica da proteção da população - e podemos acrescentar: à natureza, ao “meio” ambiente - garante uma excepcionalidade, de modo que, o poder não deixa de existir, pelo contrário, permite um estado de exceção.



A biopolítica é, pois, a ferramenta, o modo de uso é a questão. Todavia, como já visto, quando começou-se a valorizar mais a vida, mais começou-se a matar. E a biopolítica vai se tornando necropolítica que é o extermínio que o governo permite, ou seja, uma política deliberada de fazer morrer. Até o século XIX, antes do liberalismo, tinha-se a lógica de fazer morrer e deixar viver. A lógica se inverteu para fazer viver e deixar morrer.

Somos todos governados por uma racionalidade mercantilizada, regida pela lógica neoliberal que se caracteriza como um ethos - se torna a ética social da empresa - competitividade, eficácia, rendimento. Há um empresariamento inclusive do pensamento. Cada indivíduo vira uma microempresa. Cada microempresa se governa e a vida passa a ser dicotômica: útil ou inútil. Duarte (2007) a partir de Agamben traz as denominações Zoé e Bios, como a representação da vida. A primeira, todavia, a vida nua e a segunda, a vida qualificada, política. Considerando, pois, a “inutilidade” de algumas vidas – não qualificadas – é justificável sua morte.

Chegamos então ao estado de exceção permanente, cujo qual, no Brasil, encontram-se mais de 120 milhões de pessoas, e destes a maioria favelada. Os campos de concentração atuais seguem outras facetas: “O preso, o favelado e acrescento, o migrante e o imigrante, em suma, o pobre e o miserável” (DUARTE, 2007, p. 12), e acrescentaria mais: a floresta, o rio, a vida como um todo.

Ademais, “as transformações futuras do capitalismo, da democracia liberal e do meio ambiente levarão a maior desigualdade social e mais exposição aos desastres naturais” (DUARTE, 2007, p. 176), quando adentramos a um campo distintamente próximo: a ecopolítica. E, na perspectiva de abordar e compreender que a natureza, tanto quanto, encontra-se em estado de exceção permanente, inicio trazendo uma experiência para exemplificar a temática.

Em visita ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e ao Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN) no mês de agosto de 2022, junto a um grupo inter-religioso organizado pela Iniciativa Inter-Religiosa pelas Florestas Tropicais – IRI, trago aproximações históricas da perpetuação do estado permanente de exceção junto às florestas brasileiras, em especial a amazônica.

Cláudio Almeida, coordenador do Programa de Monitoramento da Amazônia e demais biomas brasileiros no Instituto de Pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) no INPE, relata que a Amazônia Legal do Brasil tem 5 milhões de km² e 25 milhões de habitantes distribuídos em 775 municípios. Esta, já foi ocupada no período Pré-Colombiano, com os Sítios arqueológicos de 10.000 a.C. resquícios da cerâmica Marajoara. Houve



um mito do vazio populacional. Assim, historicamente, no período colônia, há muita captura de mão de obra indígena – séc. XVI – XIX, a partir da captura das almas para a conversão católica. Há fortificações militares na região pelos portugueses para que não haja exploração de outros países. Nos ciclos da borracha que se sucederam, acontece a ocupação de parte da Amazônia.

Em 1953, com a Lei 1806/53, cria-se a Amazônia Legal. Nas décadas 50, 60 e 70, a floresta foi vista como obstáculo. Objetivava-se assim retirá-la para o “desenvolvimento”. No período militar, sob o lema “Uma terra sem homens para homens sem terra”, houve incentivo a empresas para que de fato ocupassem esta, como por exemplo a Vale do Rio Doce. Estas pessoas e empresas foram convidadas a desmatar.

Ao final dos anos 80 houve um Pacto pela Natureza: perdoaram a destruição até ali. A partir de então poder-se-ia desmatar até 20%. Todavia, em 2008 e em 2016 houveram mais repactuações do que era ou não permitido: entrou-se num ciclo infundável de destruir e esperar o perdão, criando-se assim, uma cultura, um complexo cultural.

O primeiro mapa do INPE aconteceu então quando o Governo Federal pediu para mapear se as pessoas de fato tinham ocupado e desmatado a Amazônia, visto que esse era o objetivo, para assim poder nomeá-los donos e donas da terra. Não somente nas décadas citadas, mas o colonialismo, enquanto complexo, se perpetua no inconsciente coletivo do povo brasileiro, desde a invasão em 1500 e quiçá, a natureza se encontre em estado de exceção desde as invasões iniciais.

Todavia, no início da década de 90, Collor assina a convenção do clima, como o preparo do país para a ECO-92 e o governo pede ao INPE o mapeamento de quanto a Amazônia havia sido destruída. Desde então, o Instituto tem feito o mapeamento anual para a sociedade civil poder consultar.

No momento desta escrita, participo como delegada virtual da Federação Luterana Mundial na COP27, que presencialmente acontece em Sharm El-Sheik no Egito, temas como perdas e danos, financiamento climático, adaptação, limitar o aquecimento global a 1,5° são diários, no reconhecimento de que países desenvolvidos, que mais contribuiram com as emissões carbônicas contribuam financeiramente na meta estipulada para que os subdesenvolvidos e em desenvolvimento, ou seja, os mais vulnerabilizados por esta forma de poder, possam estar em vida digna e não em estado de exceção como também se encontram ao estarem submetidos a danos ambientais, causados pelas superpotências.

A Amazônia, como brevemente citada, teve e ainda permanece sob a circunstância de fazer viver e deixar morrer do Estado. Um morrer que



corresponde a um estado de exceção permanente – de um modo que não nos incomode, que passam despercebidos o equivalente a 2.000 campos de futebol por dia, durante o ano de 2022.

Questões tais como consciência ecológica, preservação do planeta, minimização dos partidarismos, segurança, respeito às diferenças etnoculturais, atenção às necessidades locais, sustentabilidade e antiutilitarismo constam nas agendas da ecopolítica. Além disso, quase sempre é explícito o acento ético dos discursos ecopolíticos, com defesas candentes a favor de uma nova ética planetária que submeta os interesses econômicos (do capitalismo) aos interesses sociais (VEIGA-NETO, 2014, p. 216).

Há muitos modos de dizer a ecopolítica, mas a luta política também tem uma dimensão espiritual, pois esta última, é, em si, uma resposta política frente à vida. Uma ecologia e política insurgentes, que necessitam uma da outra para ações em favor da vida, de qualquer vida.

O que Veiga-Neto (2014, p. 221) também destaca são os perigos que podem calcar a ecopolítica tanto quanto atuam sobre a biopolítica com a “soberania estatal, o fascismo, o utilitarismo, o atrelamento e subordinação dos interesses sociais aos interesses do grande capital, a exclusão includente”. Por outro lado, a ecopolítica corre os riscos do “fundamentalismo, o denunciamento, o catastrofismo e o salvacionismo” (p. 220) a depender do Estado e sua ação-política. Todavia, em um governo da morte, mata-se dentro de uma normalidade, inclusive jurídica. De 2019 a 2022 os números têm crescido alarmantemente e gerado prejuízos econômicos e ambientais ao mundo.

A natureza, como um todo da vida que conta com o humano, é uma vida nua, desqualificada. A lógica colonial é construída no binarismo, ou seja, humano e desumano. Assim como natureza e humano: todavia, “não faz mais sentido falarmos em “o homem no seu ambiente”, “o homem na Natureza” e, nem mesmo, “o homem e a Natureza” (VEIGA-NETO, 2014, p. 218).

A desumanização de pessoas e desenraizamento da terra, faz com que haja naturalização de condutas, inclusive de morte. E, na maioria das vezes não há luto por essas vidas, porque há uma seletividade do luto no país. Isso faz com que retornemos ao poder. Ele não está numa classe, não é palpável, não está numa instituição ou é de alguém, não é possuído, ele é relacional, dinâmico. Atravessa as relações. Poder é ação sobre a ação dos outros. É um modo de administrar populações, florestas, vidas.



Lynch (2018), exemplifica que o poder aparece em todos os tipos de relacionamentos e ao contrário do que se pensa, não só do topo da pirâmide, como também da base. Quando há poder, há resistência. Se não há resistência é um sistema totalitário, com dominação total. O poder não está no Estado, ele atravessa. Se perpetua. E, já não sabemos onde está. A natureza, todavia, apesar de demonstrar resistência não é ouvida, vozes são negligenciadas, em especial dos e das indígenas como protetores das florestas.

Algumas poucas vozes foram ouvidas na palestra Crimes atrozes no Brasil, evento paralelo ao 51º Período de Sessões do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, que deu visibilidade a crimes a nível de Brasil, trouxe lideranças e movimentos, em especial de indígenas e de pessoas que vivem nas periferias do país e se encontram dia após dia, em estado de exceção.

Se o direito de falar o pensar está escasso, está-se no estado de exceção permanente. Têm-se perpetuado práticas de exclusão includente e o racismo corrobora com esta, ao passo que ele “vai se desenvolver primo com a colonização, ou seja, com o genocídio colonizador” (FOUCAULT apud PELBART, 2022). Há, também, o racismo ambiental, injustiça ambiental em contextos racializados, contra populações vulnerabilizadas. Uma forma de racismo, que tal como a outra atinge aqueles e aquelas cujas vidas já estão em estado de exceção - pessoas, florestas, rios, animais estão despidos de cidadania, pela permanência estrutural do colonialismo, capitalismo e racismo.

Quando, enfim, adentramos à esfera da relacionalidade: sobre o que nos une uns aos outros, sobre a condição humana da alteridade, sobre reconhecer-se o outro da relação, sobre a abertura intercultural e a poética de fazer viver vidas que já não tem mais esperança. E para começar a terminar é necessário recomeçar novamente: pela educação.

Carine Josiéle Wendland

Coordenadora Sinodal da JE do Sínodo Centro-Campanha Sul e participante do Fórum de Justiça Climática da América Latina e Caribe.

REFERÊNCIAS

- DARDOT, Pierre et al. A escolha da guerra civil: uma outra história do Neoliberalismo. São Paulo: Elefante, 2021.
- DUARTE, André. Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. Revista Cinética. 2007. Disponível em: http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.htm. Acesso em: 02 set. 2022.
- LYNCH, Richard, A. A Teoria do Poder de Foucault. In: TAYLOR, Dianna. Michel Foucault: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018.
- PELBART, Peter Pál. O devir-negro do mundo. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-devir-negro-do-mundo/>. Acesso: 02 set. 2022.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Ecolítica: um novo horizonte para a biopolítica. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E - ISSN 1517-1256, V. Especial, dez/2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4860/3045>. Acesso em: 02 set. 2022.



A palavra espiritual e poética

El verdadero padre Namandú, el primero, de una parte de su propio ser de cielo, de la sabiduría contenida en su ser de cielo con su saber que se va abriendo como flor, hizo que se engendrasen llamas y tenue neblina. Habiéndose incorporado y erguido como hombre, de la sabiduría contenida en su ser de cielo, con su saber que se abre cual flor conoció para sí mismo la fundamental palabra futura. De la sabiduría contenida en su ser de cielo [...] (MELIÀ, 1991, p. 29).

Acima, pequeno trecho dos Mbyá sobre o fundamento da palavra. Conforme Melià (1991), para os Guaraní, a palavra é o todo e vice-versa e o que especifica a psicologia e teologia Guaraní é a experiência religiosa da palavra.

Ayvu rapyta é tido como fundamento da palavra ou palavra fundamental, para os Guaraní, “al fundamento de la palabra hizo que se abriera y que tomara su ser (divinamente) celeste Nuestro Primer Padre, para que se fuera al centro y medula de la palabra-alma” conforme dois Guaraní a partir de Melià (1991, p. 32). “El hombre, al nacer, será una palabra que se pone de pie y se yergue hasta su estructura plenamente humana” (MELIÀ, 1991, p. 33).

Os missionários que deveriam ser especialistas no sagrado foram resistentes ao não considerarem a experiência religiosa indígena. Os dados documentais têm mostrado que os Guaraní tinham mais abertura espiritual para ouvir e não o contrário. Os outros da relação intercultural, portanto, se fazem “discípulos de la palabra, en un acto de escucha iniciado en el respeto y mantenido a través de una transformación interior que los volvía otros” (MELIÀ, 1991, p. 51).

“Los teólogos que asumen la tarea de la reflexión sobre las experiencias religiosas indígenas tienen ahí sin duda modelos en que inspirarse” (MELIÀ, 1991, p. 28). Já há movimentos de uma ecoteologia, que considera a natureza no centro de sua teologia e o cuidado para com esta.



A chave indispensável para a compreensão do sistema religioso é a noção da alma humana. “En potencia, cada Guaraní es un profeta – y un poeta –, según el grado que alcance su experiencia religiosa” (MELIÀ, 1991, p. 36).

“Ponerse en estado de escuchar las palabras buenas hermosas [...]; son comportamientos, actitudes y posturas que propician el “decirse”: ñembo’e, esto es, la oración” (MELIÀ, 1991, p. 38).

Dentre as formas de experiência religiosa, a oração “como acto de ‘decirse’ en una palabra recibida por inspiración divina – es el fenómeno y la realidad fundamental” (MELIÀ, 1991, p. 57). Tem uma grande relação com o poético: a espiritualidade se manifesta poeticamente e denota a sua existência e o seu porquê de estar no mundo.

Assim, “cada Guaraní es un “rezador” y es un profeta. No hay una clase sacerdotal” (MELIÀ, 1991, p. 40). “Profetas y poetas en el acto de cantar su inspiración, son también teólogos de sí mismos” (MELIÀ, 1991, p. 57). São, todavía, “los sábios de nuestra Amerindia, que no escribieron, pero que con su palabra han creado poesía y profecía para nuestro mundo” (MELIÀ, 1991, p. 58).

A filosofia indígena Guaraní necessita “la afirmación de una no necesidad de muerte, la suposición de una inmanencia de lo divino en lo humano” (VIVEIROS DE CASTRO, in NIMUENDAJÚ, 1987, p. XXXIII apud MELIÀ, 1991, p. 61).

O canto é uma das formas de expressão religiosa mais comum entre os Guaraní. A religião dos Guaraní é da palavra inspirada, não de doutrina, mas inspiração, não de sacerdotes, mas de profetas.

A linguagem poética é uma forma de manifestação religiosa e isso a mim, encanta. Devo apresentar-me para terminar: em minha vida já nasci dentro de uma religião. Minha família era já evangélico luterana, ou também conhecida como protestante. Cresci e assumi diversos cargos de liderança na comunidade e para além dela em nível nacional, em especial com a Juventude, ainda agora o faço. Há sentimento de pertencimento. E com todas as aproximações indígenas que tive, há sentimento de sincronidade e complementaridade.

A religião por ser necessária para religar não é necessária aos e às indígenas, pois estes já estão ligados, embora Melià nomeie a espiritualidade indígena de religião de palavra inspirada, que é o que a diferencia das demais, é muito mais espiritual do que religião. Todavia, aqueles e aquelas que são não-indígenas, há alguma necessidade maior de pertencimento, sabida da sua desconexão.



“Canto, danza y oración llegan a ser sinónimos; la oración es un canto danzado, así como la danza es una oración cantada” (MELIÀ, 1991, p. 43). As “plegarias” ou orações são sempre uma “reflexión sobre la condición humana, entre la sociedad de Los de Arriba y la propia sociedad histórica en esta “morada terrenal” (MELIÀ, 1991, p. 45).

E, ainda sobre esta morada terrenal, como habitar do corpo e da palavra espiritual, podemos falar da Tekoá, enquanto cerne ou centro mandálico da aldeia. Pois, “si el teko es lo modo de ser, el sistema, la cultura, la ley y las costumbres, el tekoha es el lugar y el médio donde se dan las condiciones de posibilidad del modo de ser guarani” (MELIÀ, 1991, p. 64)

Tekoa é a terra guarani vivida como cultura, território, espiritualidade e política. É o reconhecimento do espaço simbólico entre os sujeitos que, ao valorarem sua existência, são capazes de produzir imagens e realidades, transformando-se e criando uma realidade vivida e compartilhada no coletivo. Há, nesse sistema, a apropriação do sujeito cultural que o ajuda a pensar a partir de sua realidade, sendo mais do que ela, no ato de pensar, de expressar sua palavra como ação e verdade em sua existência (MENEZES, 2021, p. 1).

Este é um convite para a sabedoria do coração. Este órgão como regulador da vida e da espiritualidade e condutor do caminho para o qual se espera chegar. A luta política também tem uma dimensão espiritual, pois esta última, é, em si, uma resposta política frente à vida – corazonada.

Apresento abaixo uma forma outra de tekoá pintada com um gesto político, poético e espiritual: traduz o renascer da Criação, da Pachamama, uma busca pela terra sem mal. Há na imagem, um pensamento terroso, um educar do mundo, a anima mundi em sua essência, o sensível e o corazonar, a dimensão espiritual e política da vida semeada.

Carine Josiéle Wendland

Coordenadora Sinodal da JE do Sínodo Centro-Campanha Sul e participante do Fórum de Justiça Climática da América Latina e Caribe.

REFERÊNCIAS

MELIÀ, B. El guarani: experiencia religiosa. Asunción – Paraguay CEADUC – Centro de Estudios Antropológicos, 1991.
MENEZES, A. L. T. Tekoá como espaço espiritual e político guarani: reciprocidade entre espíritos, humanos e animais. In: OLIVEIRA, H.; GUI, R. T.; BRAGARNICH, R. (Orgs.). O Insaciável espírito da época: ensaios de psicologia analítica e política. Petrópolis: Vozes, 2021. Pp. 172-186.



Nova Jerusalém: novo céu e nova terra, da autora, Óleo sobre tela, 50x70, 2021

Bem-estar x Bem Viver

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), realizou em 2021, a 40ª Reunião Nacional. O evento teve como tema “Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo” e contou com a participação de diversos intelectuais indígenas que deram suas palavras às pessoas que os ouviam. Na sessão de encerramento, nominada “Educação, bem viver e defesa dos territórios originários”, Miguel Kwarahy Tenetehara Tembê, intelectual indígena líder dos povos em contexto urbano, enfatizou que *“A nossa forma de viver sempre foi bem-viver, sempre foi bem-viver desde os tempos que não se podem contar e que atualmente a gente vem sofrendo ataques para um mal-viver, porque o mal-viver é sustentador de um comércio. Quando se polui a água para depois inventar tecnologia para purificar a água para vender, isso é comércio, mesma coisa com a saúde, mesma coisa com o oxigênio, mesma coisa com a habitação, com a alimentação, esse é o propósito da Europa, desse contexto europeu”*.



A tecnologia, qualquer que seja “vai se tornar um mal-viver quando ela se tornar obsoleta e cair na natureza como lixo, a gente não concorda que isso seja bem-viver”. O desenvolvimento é quem agora se tornou obsoleto. Ainda de acordo com Temb  (2021), no encerramento de um encontro Nacional de Pesquisa em Educa o afirma que: “Quem considera, quem enxerga, quem avalia, quem se volta para os conceitos tradicionais e milenares vai ter melhor qualidade de vida, vai ter bem-viver. E o bem-viver não   só para seres humanos, a árvore também precisa viver bem, o peixe também precisa viver bem, os animais, os rios precisam viver bem, a natureza, o bem-viver também   natureza, nós somos natureza”.

Mas o que seria o Bem Viver? Para Krenak (2020) “pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver.   um equilíbrio, um balanço muito sensível e não   alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal” (p. 8 e 9).

Porém, novamente precisamos recorrer a questões históricas ou qui a, suas raízes:

“Bom viver” é a tradu o que mais respeita o termo utilizado pelo autor [*Buen Vivir*] e também o termo em k chwa [*sumak kawsay*], língua da qual nasceu o conceito em sua versão equatoriana. De acordo com o *Shimiyukkamu Diccionario Kichwa-Espa ol*, [...] *sumak* se traduz como *hermoso, bello, bonito, precioso, primoroso, excelente; kawsay*, como *vida*. Ou seja, *buen* e *sumak* são originalmente adjetivos, assim como “bom” – seu melhor sin nimo em português, no caso. *Vivir* e *sumak*, por sua vez, são sujeitos (BREDA, 2016, p. 10).

A escolha pelo termo “bem viver” ao invés de “bom viver”  , conforme Breda (2016), antes de linguística, especialmente política, ou seja, traz alguns prejuízos às defini es originais:

o Bem Viver   uma filosofia em constru o, e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Está entre nós, no Brasil, como o *teko por * dos guaranis. Também está na  tica e na filosofia africana do *ubuntu* – “eu sou porque nós somos”. Está no ecossocialismo, em sua busca por ressignificar o socialismo centralista e produtivista do



século 20. Está no fazer solidário do povo, nos mutirões em vilas, favelas ou comunidades rurais e na minga ou mika andina. Esta presente na roda de samba, na roda de capoeira, no jongo, nas cirandas e no candomblé. Está na *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum* (TURINO, 2016, p. 14).

Estar-sendo pesquisadora me faz ter com-versas interculturais em uma fenomenologia autoetnogáfica. Em solo de universidade geocultural, aberta interculturalmente, tenho aproximações especialmente com as etnias Kaingang e Guarani Mbya, localizadas no Rio Grande do Sul. Dar-se conta que Nhandereko, palavra Guarani, que nos remete a “nossa forma de vida”, também pode ser um bem viver é de uma profundidade tamanha. Ademais, “Teko porã é a tradução literal em guarani da expressão kichwa sumak kawsay. Teko se refere à vida e à existência em comunidade; porã pode ser traduzido como belo, bonito, bom” (BREDA, 2016, p. 14).

Para Turino (2016), necessitamos reconhecer que somos “parte” e não “à parte” da vida em suas diferentes manifestações. Nós somos natureza, ela não existe para nos servir. “O Bem Viver recupera esta sabedoria ancestral, rompendo com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo e todos em coisa” (TURINO, 2016, p. 15). Todos os seres possuem consciência e espírito próprios.

O Bem Viver se afirma no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre os seres. Na harmonia entre o indivíduo com ele mesmo, entre o indivíduo e a sociedade, e entre a sociedade e o planeta com todos os seus seres, por mais insignificantes ou repugnantes que possam aparentar. Somente a partir destas três harmonias é que conseguiremos estabelecer uma profunda conexão e interdependência com a natureza de que somos parte (TURINO, 2016, p. 15).

A lógica do Bem Viver não é o grande, o majestoso, mas o pequeno e sublime, o sustentável e o equilibrado num viver coletivo, parques, jardins, hortas comunitárias e em especial o respeito ao próximo. O “Bem Viver” emerge em oposição ao “viver melhor” ou “viver bem” ocidental ou ainda o conhecido “bem-estar”, arraigado aos discursos mais diversos, é tão compartilhado e desejado que nos leva à materialidade de tudo e a espiritualidade não passa de um conceito.



Buen Vivir está para além da lógica da sustentabilidade ou do desenvolvimento sustentável. A sustentabilidade precisa perpassar a vaidade pessoal, mas deve dizer “respeito à ecologia do lugar em que a gente vive, ao ecossistema que a gente vive” (KRENAK, 2020, p. 9) Sustentável para quem dentro do desenvolvimento? A sustentabilidade está mais próxima do bem-estar. Aquele, embora encante pelas palavras, busca meramente consumir a Terra, seu oposto, o Bem Viver, “é abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida” (KRENAK, 2020, p. 17). Que saibamos buscar, para além do bem-estar (mercadológico, capitalista e individual) o bonito devaneio do bem viver!

Carine Josiéle Wendland

Coordenadora Sinodal da JE do Sínodo Centro-Campanha Sul e participante do Fórum de Justiça Climática da América Latina e Caribe.

REFERÊNCIAS

BREDA, Tadeu. Do tradutor. In: ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. – São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.

KRENAK, Ailton. Caminhos para a cultura do bem viver. Bruno Maia (org.), Rio de Janeiro: Cultura do Bem Viver, 2020. 36 p.

TURINO, Célio. Prefácio à edição brasileira. ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. – São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.

Manifesto do Conselho da Igreja e da Presidência da IECLB

Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo.
(Mateus 5.13-14)

NÓS CREMOS

- ◆ Que a terra e tudo o que nela existe é obra das mãos bondosas do Deus Criador, e que a existência do planeta é possível pela ação constante do Espírito Santo (Gênesis 1.31);
- ◆ Que todos os seres humanos, sem distinção, são igualmente criados à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1.27);
- ◆ Que os seres humanos são parte da Criação de Deus, com a responsabilidade de cuidar e cultivar toda a terra (Gênesis 2.15);
- ◆ Que o pecado e suas consequências se desdobram na relação de seres humanos e Deus, nas relações interpessoais e na relação com a natureza, trazendo caos e morte (Gênesis 3);
- ◆ Que Jesus Cristo, por meio da graça e da fé, salva, restaura e conduz seu povo a mudanças de comportamento, a fim de amenizar o sofrimento causado pelo pecado (Efésios 2.8-10; Romanos 8.19);
- ◆ No compromisso inalienável da fé cristã e de toda pessoa batizada de trabalhar para que os modelos de desenvolvimento sejam economicamente sustentáveis e que levem em consideração o impacto sobre os ambientes naturais, seus biomas e a diversidade biológica, que ali coexistem;
- ◆ Que cada pessoa e a sociedade podem fazer a sua parte, produzindo e consumindo de maneira responsável e justa, buscando a sustentabilidade, reduzindo, assim, os impactos ambientais;
- ◆ Na importância e no papel da comunidade de fé como espaço de reflexão, planejamento e mudança em ações de justiça ambiental.



NÓS RECONHECEMOS

- ◆ Que estamos vivendo uma crise climática e que há povos e nações que perderam terras, modos de subsistência e a própria vida;
- ◆ Que a Igreja e sua teologia exerceram papel importante na cristalização de uma visão antropocêntrica de dominação e subjugação dos seres humanos sobre as demais partes da criação.
- ◆ Tal visão desencadeou estratégias de exploração que não tiveram respeito para com a biodiversidade, levando milhares de espécies à extinção;
- ◆ Que a Igreja tem falhado em reconhecer, refletir e apontar caminhos para a realidade de injustiça ambiental;
- ◆ Que, como indivíduos, temos falhado e pecado contra Deus e a Criação, ao não fazermos a parte que nos cabe, conformando-nos com modelos de desenvolvimento econômico que agridem e destroem.

NÓS ANUNCIAMOS

- ◆ A esperança no Deus que não abandona o seu povo, por mais que este se afaste (Isaías 41.10; Romanos 8.38s);
- ◆ Que Jesus Cristo vem ao mundo para reafirmar seu compromisso de caminhar conosco, oferecendo seu perdão e indicando o caminho para a transformação pessoal, social e ambiental (Mateus 28.20b);
- ◆ Que a Igreja tem o desafio e o chamado do Deus Criador para refletir e buscar, em diálogo fraterno com a sociedade e autoridades, mudanças frente: aos modelos econômicos que favorecem a acumulação de riquezas e marginalizam parte da população; aos modelos de desenvolvimento que estão baseados em exploração ambiental e que destroem e agridem a biodiversidade; às ações que permitem as guerras e as migrações forçadas, que contribuem significativamente para a ocupação e consequente destruição de ambientes naturais; à urbanização desenfreada e não planejada, que ocupa áreas de preservação permanente, destruindo a biodiversidade por meio do despejo de grandes quantidades de dejetos, atingindo o solo e os mananciais hídricos;
- ◆ Que a Igreja tem o compromisso de defender a criação de Deus e a dignidade de todos os povos e seu direito inalienável a uma vida plena;
- ◆ Que, na vivência da comunhão e partilha, há possibilidade de um novo começo, com relações de preservação e conservação ambiental que favoreçam o cuidado com a Criação e o respeito a todas as formas de vida.

Porto Alegre, 5 de junho de 2023

- Acesse: <https://www.luteranos.com.br/textos/manifesto-do-conselho-da-igreja-e-da-presidencia-da-ieclb>

Teologia Sem Terra

Parte 1

Autor: Cláudio Carvalhaes

*Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão*

*Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel*

*Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra a propícia estação
E fecundar o chão¹⁰*

Preciso falar da terra. Mas pra falar da terra eu precisei me “converter” à terra. Como é isso? Eu sempre vivi acima da terra, sempre flutuando sobre a terra como se a terra não fosse fundamentalmente o que eu sou e o que me faz viver. Essa conversão aconteceu há mais ou menos três anos. Conversão em Grego significa metanóia, uma mudança da forma de pensar, sentir e se relacionar. Se antes eu pensava como os modernos e sobre tantas formas de pensamento que não se vinculavam à terra, agora eu preciso me vincular à terra. Até então, eu nunca tinha ouvido e lido nada acerca dos índios, como pensam e como carregam suas cosmologias. Minha cosmologia nunca teve terra.

Da mesma maneira, toda a teologia e os ensinamentos bíblicos que recebi nada tinham de terra, nada da terra. Ou melhor, tinham, mas era tudo negativo: o pecado nos expulsou do paraíso, Eva comeu um fruto proibido, agora viver da terra era suor, cansaço e trabalho, e tenho que aprender a dominar tudo. Além do mais, vivo aqui provisoriamente pois como eu sempre cantei: “aqui não é meu lar, um viajante sou, meu lar é lá no céu, Jesus já preparou”. Sempre vivi desaterrado.

¹⁰ Milton Nascimento e Chico Buarque, Cio da Terra, Chico Buarque, CD: Chico 50 Anos - O Cronista, 1994



Como todo o pensamento ocidental que sempre viveu a partir do pensamento europeu desaterrado, que nos retirou da terra e nos fez viver em abstrações, eu sempre vivi desaterrado e desaterrizado, flutuante, como diz Bruno Latour. Todas as disciplinas onde aprendi sobre a vida, Deus e o mundo, o passado e o presente, nunca tiveram a orientação da terra, a lei da terra. A teologia, que foi onde me especializei, também foi um desenvolvimento desa-terra-dor. Dessa forma de vida arrancada da terra, e sem nunca deixar de ser terra, vive a dor maior de todos nós. A gente gira em tantas faltas e ansiedades e falta de pertencas porque a gente gira sem raiz em qualquer coisa que seja a terra. A gente busca nossa pertença nas identidades, nas religiões, nas escolas de pensamento, em grupos de socialização e alteridade, mas vivemos sem o eixo que nos faz quem somos: a terra.

Somos o pó das estrelas, a terra fértil que vive em nós. A água que vive em nós é a água das chuvas e dos rios. Fomos maravilhosamente formados pelo mesmo material da terra. Mas o colonialismo e o capitalismo, esses processos de destituição da terra, nos desterrou e nos des-vinculou.

O colonialismo foi e ainda é em nós um processo não de conquista mas de roubo e de destituição da terra e desvinculação com a terra. A palavra colonialismo é formada por cólon, culto e cultura. Nosso querido pensador Alfredo Bosi que morreu não muito tempo atrás, já dizia que em seu livro “A Dialética da Colonização” que colonização é a tomada de terras, cultura e “religião” como memória ancestral, “um projeto totalizante cujas forças motrizes sempre podem ser buscadas ao nível do cólon: ocupar um novo terreno, explorar suas posses, submeter seus nativos” (Bosi 1992, 15).

Ocupar o terreno é des-ocupar, quem ali vive: desaterrar.
Explorar suas posses é roubar-lhe as riquezas: desaterrar.
E submeter seus nativos é torná-los escravos: desaterrar.

Hoje nós ainda vivemos isso de maneiras diversas e intensas.

Já o capitalismo, que caminhou e caminha de mãos dadas com o colonialismo, continua o processo de separação da terra. Como? De duas maneiras: a partir da destituição da terra, de qualquer forma de pertencimento à terra e como um processo de secularização, de desanimar o mundo: quer dizer, tirar o animus, a alma do mundo. Assim, não podemos pensar a terra como ser vivente, o rio como ser vivente, as árvores como seres viventes, como entidades vivas. E muito menos os espíritos que vivem ali, os encantados que orientam e controlam a terra. E só de pensar nisso, as consciências cristãs e os modernos secularistas já levantam as sobancelhas em desdém. De um lado há uma sensação clara que essa forma de pensar é ainda incivilizada, pois como pode alguém acreditar em encantados e espíritos nas florestas? De outro lado, há os crentes que veem nessas formas



de se relacionar com a terra uma forma de seita e não de religião própria, e mesmo ainda de satanismos. Não pode haver outros espíritos que não sejam demônios e o único Espírito é o Espírito Santo de Deus.

Essas formas de desaterrar a gente nos faz viver em abstrações. Somente os humanos têm alma e precisam de civilidade e salvação. O resto são coisas, não seres vivos. As plantas, as árvores, os rios não são gente, não sentem nada, não tem alma/animus: são coisas que estão lá para nos servir. Já os animais sim tem algo a mais, mas nada que nos faça cuidar deles como seres plenificados de vida, espírito ou mesmo alguma forma de sujeito/subjetividade. Mas por que precisamos destituir a alma, a vida, o ser sujeito, e a agência dos animais e das plantas, florestas, rios e mares? Porque do contrário, não poderíamos fazer o que fazemos com esses seres vivos: destruir, usar, matar, destituir a tudo, transformando seres vivos em dinheiro e em coisas para nos satisfazer.

Nosso desaterro é tamanho que a terra nunca é algo a se pensar em nada que fazemos. Por exemplo: quando mudamos de casa, o que pensamos ao nos mudar? No tamanho da casa, se o local tem padaria, farmácia, hospital, infraestrutura por perto. Jamais pensamos nos seres vivos daquele lugar, seus rios, suas árvores, seus pássaros. Porque vivemos desaterrizados, flutuantes. Entretanto, a terra que vivemos hoje foi morada de outros seres vivos que foram enxotados de lá pra gente viver e nossa forma de viver em cidades é o colapso da terra. Todas as civilizações que formaram grandes cidades morreram.

Costumo dizer que o colonialismo e o capitalismo com seus filhos, o agrobusiness e o extrativismo, são as formas mais concretas do ser Diabo hoje, como nos definiu Jesus no evangelho de João 10:10 – “O Diabo veio para roubar, matar e destruir.” É isso que o colonialismo e o capitalismo fazem: roubam, matam e destroem.

A teologia também foi profundamente marcada por essa colonização e pelo capitalismo. Falamos de um Deus que num tá nem aí pra terra, a não ser na retórica quase sempre vazia da criação que é centrada numa ideia moderna de natureza como algo que está para além de nós, em algum outro lugar, e não tem nada a ver conosco. Assim, quando falamos “ah, eu vou pra natureza porque preciso,” mostramos o quanto estamos desterrados. Porque nunca vamos pra natureza, na verdade não podemos ir para a natureza simplesmente porque nós somos natureza, se formos usar o termo natureza.

Da mesma maneira, a espiritualidade cristã está sempre no Espírito, que muitas vezes é um lugar etéreo e que se manifesta mais concretamente em moralidades fixas e miseráveis. A encarnação de Cristo deveria se fazer na luta contra a injustiça, na proteção da terra e dos animais e não na luta



somente espiritual ou contra os não crentes como se estes fossem ameaças! E mais, a encarnação, ou seja a fé que se faz “carne,” materialidade, deveria se tornar mais terra, viver o cuidado com o solo fértil e as sementes da terra, o respirar dos animais, a proteção das florestas, a luta pelos rios, o cuidado com o ar. Isso é que deveria ser chamado de missão. Porque se a encarnação de Jesus não for esse cuidar da terra e o lutar ao lado dos quilombolas e indígenas, os povos da floresta, os povos ribeirinhos e os povos da terra pela sua integridade, então a encarnação de Cristo é guerra espiritual de sinal contrário, espiritualidade oca, confusa, perdida, cindida de qualquer materialidade que constrói e amplifica a vida.

A noção de encarnação mais espiritual do que material que vem da teologia Cristã se alicerça na divisão da revelação de Deus entre a revelação parcial e a revelação plena. A revelação parcial está na criação. Como no Salmo 19: “os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das Suas mãos.” Deus pode ser sentido, louvado, na natureza. Mas a revelação verdadeira está somente em Jesus. Todo o resto é secundário. E o que fica secundário nunca se torna importante. E o mais importante é Jesus, a revelação plena de Deus. Mas ao recebermos a revelação plena em Jesus, qual a relação que fazemos de Jesus com a terra? Nenhuma.

A fé cristã sempre esteve dentro de mim, mas não tinha nenhuma relação com o cuidado da terra onde eu vivia. Eu olho pra trás e vejo o quanto a minha fé e a minha espiritualidade foram forjadas em outros lugares espirituais, sagrados, mas sempre pra além do lugar onde eu habitava. Por exemplo, o rio Tamanduateí onde eu morava na Mooca em São Paulo, não tinha nada a ver com minha espiritualidade. Os eixos da minha fé estavam estruturados numa cisão profunda com a terra.

A fé Cristã tem força muito grande da tradição platônica e neoplatônica. Aprendemos que a verdade das coisas não vive aqui mas em uma outra realidade. Tudo aqui é sombra, é representação do real. Como isso acontece? Nossa vida aqui não vale muito porque o que esperamos de verdade é morar no céu.

A terra não vale muito porque é só passagem, nossa morada mais fundamental é no céu.

Se as coisas vão mal, é bom, porque são sinais de que os tempos mais felizes estão por vir. Assim, benditas sejam as notícias de desastre climático e pandemias porque tudo soa Maranata: vem Senhor Jesus!

Ontem mesmo estava falando com minha mãe e ela estava falando disso: “filho tem tanta desgraça nesse mundo, você não acha que é o final dos tempos?” E fiquei pensando em duas respostas: no não e no sim.



No “não,” porque acredito que os sinais dos tempos que vemos não são sinais de Deus (e também porque não tenho nem ideia do que isso signifique), e sim, sinais que nós humanos cometemos. Nós estamos destruindo tudo e nós estamos criando os sinais dos tempos. Isso não pode vir de Deus.

Mas então pensei no “sim,” estamos sim vivendo em um fim, um fim que já está acontecendo. Não é o final dos tempos porque os tempos parecem nunca acabar. Mas estamos vivendo os sinais do fim do mundo que conhecemos, disso que construímos. Mas esses mundos que construímos e onde habitamos estão sendo destruídos.

A terra é nossa morada, a nossa casa. Mas porque a fé cristã salientou tão profundamente que nossa vida é no céu, não temos muito vínculo com a terra. E essa vida des-vinculada, desaterrada, nos faz queimar tudo! E por isso estamos todos queimando!

Nosso impulso pelo desenvolvimento, pela civilização, pelo conforto e pelo saciar de todos os nossos desejos vai consumindo toda a terra que não consegue se plenificar. Logo logo a terra vai nos enxotar daqui como a pulgas que infestam o corpo-terra. Não todos os humanos, mas uma pequena minoria. Ao invés de sermos responsáveis pela terra, nos tornamos seu inimigo.

Hoje temos somente 20% das florestas em pé.

Os rios estão barrados, cheios de lixo humano e de minérios, e estão secando.

Os polos de gelo da terra estão derretendo em uma velocidade tamanha que em 2035, daqui há 13 anos, todas as geleiras se derreterão e não teremos mais como esfriar a terra.

Partes dos oceanos já estão mortos.

Os recifes de corais que dão oxigênio para todo o mar, estão todos morrendo pelo aquecimento das águas.

Em todo o mundo, solos férteis já quase não existem. Enquanto isso, mais e mais agrotóxicos são usados. Monsanto, Bayer, Syngenta e todos os agrobusiness do inferno vão criando veneno para fazer a terra produzir. E morrer. Pois onde esses venenos são usados os solos vão morrendo.

Na verdade, eu não sei que mundo os meus filhos viverão. Os meus sobrinhos netos viverão em um mundo de calamidades globais. Vejam os



desastres climáticos globais que estão acontecendo hoje em todo o mundo: secas, inundações, temperaturas extremas de frio e calor. Aos poucos os sistemas biológicos que ainda funcionam hoje em dia estão se deteriorando. Acabou de sair o relatório do Painel Intergovernamental da Mudança do Clima com números assustadores! <https://interactive-atlas.ipcc.ch>

Precisamos nos ligar à terra novamente! Nos vincular! Se não voltarmos à terra, de onde nós nunca saímos, não teremos vida pra viver, ou as lutas todas pela justiça pra fazer. Sem terra, nenhuma luta é possível. Pois a terra é a mãe de todas as lutas.

Teologia Sem Terra

Parte 2

Mas novamente, o que é teologia sem terra? Em uma perspectiva cristã, é a crença em um Deus que não tem muito ou mesmo nada a ver com a terra e o mundo natural, os bichos, as florestas, o ar, os oceanos, os rios, as sementes, o solo, as amebas, as células, as árvores, etc. Muito do cristianismo que existe hoje, sejam os fundamentalistas, os conservadores ou mesmo os liberais, praticamente se esqueceram da terra. Todos falam da criação, mas quase como uma coisa platônica, orientada por uma modernidade que nos des-vinculou da terra. Deus criou a natureza e nos criou como duas coisas muito diferentes. Somos uma espécie de final evolutivo da criação divina.

Por causa de uma teologia colonial e perpetuamente colonizadora, não temos nada de terra. Nosso canto não tem beija-flores, nossa oração não fala com os rios perto de casa, nossa espiritualidade não tem relação com as matas e outras vegetações, e não pode conviver com os ancestrais e os espíritos das coisas. Nossa leitura bíblica é literal em algumas coisas, mas tudo que advém da natureza é somente metáfora. O Espírito Santo é uma pomba? Ah um símbolo, não uma literalidade. Imagine um Deus pássaro! Paganismo!

Assim, relacionamos Deus com pensamentos abstratos, a fé entre a crença e a dúvida, a vida diária com em um Espírito desencarnado das coisas, mas encarnado em moralidades pequenas e códigos de ética e de busca pela conquista. Pouco, muito pouco sobrou da relação e pertença com a terra. Diria mesmo que 99% da teologia cristã que a gente vê hoje - e mesmo do pensamento crítico não religioso - não tem terra, não sabe dos caminhos do rio, não entende o canto dos pássaros e não sabe do poder das minhocas de manter o solo vivo.



Lemos tantos autores e autoras falando das coisas mais importantes mas a gente não consegue ler a terra, perceber a terra, respirar com a terra. Por isso estamos morrendo.

Nosso desaterro é fruto de duas forças centrais no pensamento teológico: o senso de domínio e o senso do excepcionalismo humano. Deixa eu explicar.

Aprendemos que Deus ao criar o mundo nos deu o domínio sobre tudo. O domínio de dar nome às criaturas, de dominá-las e também tudo o que há na terra. O mundo natural era para a modernidade europeia como um grande monstro a ser conquistado e por isso a grande tarefa humana era domesticar os animais, controlar a terra e dominar tudo! Assim, tudo tem que estar sob nosso domínio. O controle humano sobre os outros e sobre a terra, parece ser a mais-valia do nosso tempo. O racismo é a necessidade do controle, o capitalismo é uma forma totalitária de controle. Nosso passado colonialista não nos abandona. A dominação continua em nosso corpo, e somos uma mistura de colonizadores, colonizados, colonos, capatazes e escravos.

Já o *excepcionalismo* humano é achar que a espécie humana é mais importante que qualquer outra. Não é que somos a última cocada do pacote, nós somos a única cocada e o único pacote! Afinal Deus escolheu o mundo para se tornar gente e não Netuno. E veio à terra como ser humano e não como jacaré. (muito embora fico me perguntando se Jesus tivesse que tomar a vacina ele viraria jacaré também). Enfim, tudo o que a gente consegue falar acerca de Deus tem a ver com o humano, e esse humano invariavelmente associado com o masculino, o homem! Senão vejam o que a gente ouve nas igrejas:

O amor de Deus pelo homem...
A cura de Deus para os homens...
Jesus Cristo é o salvador dos homens
O plano de Deus para os homens...
Deus ouve a oração de homens fiéis..
Deus vai transformar a vida de todo homem...
O Espírito Santo capacita os homens...

É tudo homem/humano, homem/humano, homem/humano, homem/humano!!

E quais as consequências disso tudo? Tem tantas, mas vamos citar algumas:



Achamos que somos a única espécie amada por Deus. João 3: 16 fala “porque Deus amou o mundo de tal maneira...” mas esse amor divino é somente para os humanos/homens. Não tem nada a ver com as ostras e os caranguejos dos mares, os tamanduás e os bicho-preguiça, as capivaras e os tatús, os quatis e as onças pintadas, os tatuís e tuiuiús do Pantanal? Será que Deus realmente amaria as antas-pretinhas, o peixe cascudo-zebra e o pararucu, o macaco paruaçu, o matamatá, o gato maracujá e o curica urubú?¹¹

Deus criou? Sim criou, mas amar mesmo assim do mesmo tamanho que ama os humanos? Aí é “pular o corguinho,” como dizem meus amigos de Goiás.

Porque somente nós humanos é que temos sentidos e relações, história/estória, início meio e fim com algum propósito metafísico. Nós sabemos o que é sofrer, nós pensamos. Nenhum animal sabe fazer nada disso, ou se sabem, é bem pouco.

Olhamos a natureza como algo fora da gente. Natureza é lá fora, a gente é aqui.

Árvores e plantas servem para decoração. Se existirem muito que bem, se não, fazer o quê? Não é à toa que o racismo ambiental relega os mais pobres às áreas cobertas de cimento, sem parques, árvores e esgotos ao céu aberto. Uma teologia sem terra permite que essas coisas aconteçam porque a gente não presta atenção. Tem coisa mais importante pra prestar atenção, pra sobreviver.

Os rios já andam tão poluídos que não servem pra nada a não ser para ter esse fedor insuportável.

Os passarinhos são uma linda distração. Mas também servem para o nosso estilingue!

Os vira-latas não tem dono, são como pessoas de rua, já não valem muito e só atormentam a gente. Tanto um como o outro carregam piolho, sarna, carrapato e são fedidos. Se forem chutados, queimados, bem, eles merecem.

¹¹ Vejam que lindeza esses animais e tantos outros no lindo livro de Lalau e Laurabeatriz “Brasileirinhos da Amazônia. Poesia da Nossa Maior Floresta, Companhia das Letrinhas, 2020.



Essa falta de materialidade fez a gente viver em pensamentos subjetivos: Somos herdeiros do pensador Francês René Descartes que tentando achar uma prova da sua existência disse “Penso logo existo.” E assim, o pensar abstrato comigo mesmo é a prova da minha existência. Aprendemos a viver na abstração desses pensamentos. Assim, o que nos faz humanos é a capacidade de pensar, de acreditar e de ter dúvida. A teologia gira muito em torno da crença e da dúvida, da fé e da falta de fé. Não pensamos que somos porque dançamos e somos parte de uma dança cósmica, porque cantamos e somos um concerto de infinitas vozes cantando, porque vivemos numa teia de relações onde a minha existência só existe não porque eu penso, mas porque eu me relaciono com humanos mas fundamentalmente me relaciono com tanta coisa que não é humana. Nosso corpo está cheio de células não humanas que me fazem humano.

Continuando, o nosso pensar não é só abstrato, mas sempre individual: penso só por mim e só devo o meu pensamento a mim mesmo! A maioria das terapias ficam nesse olhar pra dentro, onde o dentro tem muito pouco do mundo natural. Não é à toa que o líder Yanomami Davi Kopenawa que escreveu o fascinante livro *A Queda Do Céu*, disse que o branco (aqui entendido como todos os não indígenas) só sabe sonhar consigo mesmo. Não há florestas em nossos sonhos e quando aparecem, são quase como nos filmes de terror, guardam monstros que nos ameaçam.

Nosso mundo interior é feito disso mesmo, de interioridades: nossa subjetividade, inconsciente e consciente. Nessas complicadas relações, entendemos o nosso viver como sendo somente com outros humanos, sempre a partir de uma certa noção de individualidade humana. Não entendemos o passarinho como sendo nós mesmos, cantando nossas próprias canções. Não entendemos a vida como sendo dependente dos rios e caminhando como os rios. Não nos relacionamos com as plantas e árvores como se fossem seres vivos que precisam ser vistos e entendidos como seres viventes, com espírito, e que sentem e sabem de tantas coisas que nem imaginamos. Tudo tem um coração pulsante e achar ressonância nesses corações todos teria que ser um dos nossos trabalhos “interiores” mais profundos.

A modernidade nos desassociou do mundo natural e animal de tal maneira que a gente pode usurpar, matar e destruir sem maiores preocupações. Sem a anestesia da modernidade jamais poderíamos ter chegado onde chegamos. Por exemplo, se nos relacionássemos com as árvores como seres viventes, e tão fundamentais como nossa espécie, teríamos muita dificuldade em fazer o progresso que fazemos. Ou mesmo usar animais para testar remédios e tratamentos e saber como a nossa vida pode se desenvolver. Isso é algo já tão naturalizado que já consigo ouvir os cientistas falando: pois então você não quer os progressos da ciência para a



sua vida melhorar? Não pode tomar remédio tal, então... Além do mais, foram somente alguns macacos, outros ratos insignificantes (quem quer rato vivo, você?) coelhos e outros animais quaisquer sujeitos a alguns experimentos.

Pois é, a questão não é simples. Mas o que quero pensar aqui é exatamente essa distância do mundo natural como perpetuador dos delírios humanos, das tantas formas de destruição e da falta mais absoluta da relacionalidade com a terra.

Porque essa forma moderna que nos formou e forjou, faz com que a nossa capacidade de sentir algo funcione somente para sentir pelo humano. Não sentimos a dor de um rio poluído, a dor de um animal indo para o abate, a dor de uma árvore sendo cortada.

A vida da fé é a vida espiritual que se encaminha por esses caminhos que todos nós vivemos. E fica fácil desenvolver uma fé que se mostra eficaz pelos sucessos financeiros. O ganhar alguma coisa pela fé é o extrato bancário da vivência com Deus. Já que vamos perdendo nosso lugar no mundo e com quem lutar, a igreja e suas maquininhas de cartão de crédito viram muitas vezes a única aposta da mudança a que se apegar. O Espírito Santo é um lugar dentro ou fora da gente, mas a gente não tem muita certeza onde. É nessa fresta entre o transcendente e o imanente que as igrejas vão traduzindo o movimento do Espírito Santo como um lugar mais de conquista e de sobrevivência do que de relacionalidade. Tudo está e deve estar para além do mundo natural. Não se pensa por exemplo que o caminho da fé é o de cuidar das sementes nativas e criar uma roça comunitária, e que isso poderia ser mais fundamental que as ofertas pras igrejas..

A teologia foi quase sempre um falar de Deus acima de tudo! O caráter de Deus, a santidade de Deus, a eternidade de Deus, tudo lá em cima. É o que se chama de teologia do alto! Então, quando Bolsonaro vem com seu jargão teológico “Deus acima de tudo,” todo mundo entende, mas alguns cristãos entendem ainda mais. Para estes, esse jargão mostra que a afirmação “Deus está acima de tudo” significa compromisso com Deus, e não com os “homens.” Por isso, colocar um candidato “terrivelmente evangélico” no Supremo Tribunal de Justiça é a tentativa de fazer os trabalhos diários do Tribunal começarem com uma oração, que é o sinal da prioridade de Deus na vida do país. E tudo estará resolvido. Assim como George Bush, o filho, nos Estados Unidos, orava todos os dias na Casa Branca antes de bombardear o mundo inteiro em nome de Deus!

Pois é... o Deus da espiritualidade simples e de fachada é sempre mais fácil do que o Deus das complexidades dos biomas naturais, das florestas ainda em pé, e das tantas vidas que os rios oferecem.



Voltar para a terra é nosso desafio aqui, algo tão difícil quanto desafiador. Continuaremos esse papo na próxima edição da CT. Por esses dias é preciso nos juntar com os povos indígenas pela luta dos seus direitos e contra o chamado “marco temporal” que, se aprovado, vai arrebanhar com muita terra indígena e destituir tantos povos indígenas. Enquanto escrevo, em Brasília está acontecendo a maior manifestação indígena desde a Constituição Federal de 1988. São mais de 6000 indígenas de 173 povos de todas as partes do Brasil. Caminhavam, cantavam, ritualizavam, protestavam, gritavam palavras de ordem em torno do dizer maior: BRASIL TERRA INDIGENA. Na imprensa não havia nada, pois os índios só existem como impedimento ao “progresso”. Ao ver essa manifestação hoje, senti uma imensidão dentro de mim e uma certeza de que valeu a pena estar vivo e ter testemunhado esse dia histórico nesse país aflitivo. Sigam a APIB - Articulação dos Povos Indígenas Brasileiros.

Qualquer fio de fé aterrada que valha a pena hoje em dia precisa se juntar à luta dos povos indígenas agora! Desesperadamente agora! O agronegócio, junto com a bancada do boi, da bala e da bíblia, e todo o governo federal vão destruindo tudo o que é vida em nosso país. Voltar a uma teologia com terra precisa passar necessariamente por uma conversão radical aos indígenas de nosso país. Radicalizar ao lado deles, seguir as pautas que eles sugerem, ouvir seus cantos e vozes. Porque sem eles, não teremos mais terra, e assim, não teremos mais qualquer forma de divindade, mesmo o Deus cristão.

Teologia Sem Terra

Parte 3

*Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçado da cinza¹²*

João Cabral de Melo Neto

¹² João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina* (São Paulo: Alfaguara, 2016).





Pois continuamos falando sobre teologia sem terra pra tentar entender nosso mundo. A teologia sem terra é uma teologia desvinculada do mundo natural, uma teologia que acha que não tem nada a ver com a terra. É essencialmente uma teologia do humano, que quer ter a ver com a cultura humana e o mundo dos “homens.” Nada de natureza, de bichos, de terra, plantas ou água. Essas coisas pertencem à biologia e não à teologia.

As liturgias e teologias cristãs sempre nos fizeram pensar que tudo o que existe, desde as células até as montanhas, as águas todas, árvores e florestas, os animais e tudo o que vive, vivem por causa dos humanos ou para satisfazer as necessidades e desejos humanos. De acordo com essa forma de se pensar Deus e a vida, o mundo só é possível se nós, seres humanos, existirmos; sem a gente, o mundo não existiria, nem teria significado ou propósito. Nós somos os produtores de sentidos, não só pra gente mesmo, mas para tudo o que existe. Sem a nossa presença, o mundo e a “natureza” não teriam mesmo um porquê de existir. Na verdade, sem a presença humana, as coisas continuariam a ser bestiais, incivilizadas, rudes, atrasadas, animaiscaas, correndo o risco de nos destruir ou se autodestruir. O presente da racionalidade humana é dar uma ordem adequada ao mundo - uma ordem hierárquica que se estabelece pela pureza, pelo controle, por uma origem única, pela totalidade e pelo controle das diferenças.

A teologia seguiu um desejo impossível de autopoiesis, de criação de si mesmo, como se a gente pudesse se criar do nada, assim como algumas leituras do livro de Gênesis falam de um Deus que criou o mundo do nada. Sim sim, primeiro criados por Deus para então, continuar o trabalho de Deus e criarmos a nós mesmos e os outros, no nome de Deus. Esquecemos que somos simpoiesis, criação mútua, coletiva e que somente somos humanos por causa da ação de células e tantos organismos não humanos que vivem em nosso corpo e nos fazem humanos. Na verdade, nunca fomos somente humanos. (Vejam uma entrevista com Donna Haraway: Se nós nunca fomos humanos, o que fazer?)

Se não somos autopoiesis mas simpoiesis (fazer-com) é porque vivemos em companhia de outras espécies, participamos e partilhamos mundos complexos com não humanos, num fazer-com outros, o mundo que vivemos.¹³ Somos uma legião! Não de demônios necessariamente mas de bilhões de seres vivos que nos habitam e nos fazem viver! Somos mundos minerais, animais, vegetais, maquínicos, tudo junto! Qualquer teologia também é feita desses mundos!

¹³ Vejam o novo livro de Donna Haraway, *O Manifesto Das Espécies Companheiras – Cachorros, Pessoas E Alteridade Significativa* pela editora Bazar do Tempo.



Então, quando falamos de cultura e socialização, tendemos a pensar que a natureza está no lado oposto. A cultura e os atos culturais são as ações que mudam o mundo enquanto a “natureza” está do lado de dentro, da internalização que *recebe* os atos culturais. Seria a anti-socialização, da vida que não se move, que é paz mas assombro, e que precisa ser controlada por nós, seres da cultura. Por isso falamos: quero ir pra natureza ficar sozinho sem ninguém! Sem saber que lá estaremos tão acompanhados quanto nas grandes cidades. Pois é, além dos pensamentos abstratos que recebemos da filosofia grega como forma de constituição do conhecimento, a danada da modernidade também deixou claras não apenas a distinção entre tempo e espaço (história e natureza), mas também a diferença entre o indivíduo e sociedade, a natureza e a cultura, a tradição e a originalidade, o sentimento e o pensamento, o sagrado e o secular, o universal e o particular, objetividade e subjetividade, o físico e o moral, imanência e transcendência, animal e humano, corpo e espírito, e assim por diante. Dois lados que se pertencem e se opõem entre si.

O cristianismo é uma religião feita dessas binaridades. Deus é transcendente, nós somos imanentes; viveremos no céu, embora tenhamos que passar pela terra; Deus está nos céus o Diabo debaixo da terra; a história é uma certa abstração onde Deus planeja a salvação, e a cultura é o lugar da encarnação de Deus. A natureza parece ser, na melhor das hipóteses, um lugar secundário da revelação de Deus, ou então, um lugar tão desnecessário quanto sem valor real ou importância vital para se entender o amor de Deus. O corpo deve ser controlado pelo espírito, assim como os animais precisam estar sob o domínio dos humanos. Os sacramentos cristãos, embora possíveis somente porque feitos da terra, pão, uva e água, devem ser colocados em um altar, acima da terra, elevados, para ganharem um significado real/sagrado. Tudo isso forma a teologia sem terra.

E mais, a lei da teologia sem terra é marcada mais pela autonomia cultural do que pela relacionalidade ecológica. A fé é um dom interior a ser vivido como testemunho ao mundo, no mundo, mas sem pertencer ao mundo. Pois o mundo, como aprendemos na igreja, jaz no maligno e a natureza sofre por causa do pecado. Toda a fé cristã acontece na e através da cultura, pois a fé é um acontecimento espiritual marcado pela cultura. A encarnação mesmo acontece em espaços culturais = Jesus-homem-cultura. Nesse eixo, a natureza se manifesta como risco se a fé for deslocada da cultura para a natureza.

A fé nos espaços naturais é um risco demoníaco pois nos faria chegar ao animismo e na crença de que as coisas todas existem! Seria muita materialidade para uma fé que morre de medo da idolatria, que seria a matéria com sentido. Para dar conta dessa necessária divisão, a natureza não necessita ser toda demonizada pois carrega em si uma graça natural de Deus que podemos perceber. “Os céus proclamam a glória de Deus”



diz o Salmista. O povo de Deus vai orar no monte para ter mais comunhão com Deus. No entanto, os céus e os montes servem como auxílio ao que é realmente importante: a comunhão com Deus. Pois o que é preciso mesmo é a graça redentora e especial de Deus em Jesus para nos salvar e que acontece no coração humano. Pois bem, se falamos na revelação especial de Deus e em salvação, falamos necessariamente de Jesus. E Jesus na teologia sem terra, só pode ser compreendido por meio da cultura.

Tomemos um exemplo da teologia clássica. O livro *Cristo e Cultura* do teólogo Norte Americano H. Richard Niebuhr de 1975, descreve Jesus Cristo em relação a cultura em cinco módulos diferentes: *Cristo contra a cultura*, *Cristo da cultura*, *Cristo acima da cultura*, *o paradoxo entre Cristo e a cultura* e *Cristo o transformador da cultura*. Essas cinco categorias dão aos cristãos uma noção de como se relacionar, negar, se opor ou se envolver com a cultura. Pois como fica claro, esse Cristo da cultura não tem nada a ver com a natureza.

Há algo importante nesse livro pois nos ajuda a olhar para as formas como a cultura é elitista e expulsa as pessoas pobres para as fronteiras da sociedade. Essa teologia cultural nos ajuda a olhar para a periferia como lugar privilegiado para o acontecimento de Deus no mundo. Pois é lá na periferia onde Jesus viveria, e onde faria seu ministério.

Porém, esse olhar cultural esquece do olhar do mundo natural que constitui mesmo a cultura. Somos não só as músicas e danças mas também os rios tornados abjetos, somos as árvores tombadas, somos o deserto sem vegetação.

Por isso temos tanta dificuldade com os índios. Eles não se encaixam em nossos rótulos culturais. Não são nem pobres nem aculturados. É um caso de hibridez desde a sua origem, de mistura desde o seu nascedouro e que não passou pela necessária aculturação e conseqüente abandono da natureza para o mundo da civilização. Por isso a tentativa constante de fazê-los entrar no caldeirão dos pobres, aculturados, porque assim se tornariam mais administráveis. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro faz uma crítica profunda a essa tentativa de tornar pobres os índios das nossas sociedades.

Essa tentativa de aculturação dos índios pode ser vista na fala condescendente de Bolsonaro quando ele diz que os índios também querem, e têm o direito de viver bem como os brancos. Mas a gente precisa quebrar essa dualidade natureza/cultura. Todos nós somos natureza e cultura, como diz Haraway, natureza-cultura. Pois a natureza, a ecologia, o meio ambiente, são recursos para o empreendimento multicultural humano. Não! Nós somos a natureza, a ecologia, o meio ambiente. Mas também somos cultura. Nessa



vida vivida em mutualidade, natureza-cultura, uma vida conjunta entre animais e a gente, entre cachorros e gatos, entre passarinhos e plantas, o nosso respirar é o eixo onde se sustentam a vida múltipla e de diversos mundos e formas de viver. Todas as narrativas que estruturam a vida, a religião e todos os modos de vida são essa emergência que vem da relação natureza-cultura.

Por isso precisamos sair dessa teologia (imaginária) sem terra, cujo eixo teológico sonha em ser autônomo, auto-referencial e que gira somente em torno de culturas humanas. A ecologia e a vida das máquinas, a natureza e a cultura, as espécies todas, incluindo a humana, é a vida inteira que se faz plena a cada momento, a cada dia.

Na verdade, a teologia sem terra não existe. Ela é discurso e está em toda parte. Não tem nada de ecologia nela. Tudo nela quer ser humano mas tudo nela é terra. Nesse desejo demasiado de ser humano, e pleno, esquece que o que faz da teologia, em primeiro lugar, é um Deus que é terra, que é semente, que é sol e lua, que vive no mar e nos rios e se manifesta em sua plenitude em cada árvore isolada nas nossas ruas, em cada flor que desabrocha lá no meio do cimento perto das nossas casas.

Estamos profundamente vinculados à terra. Ganhar a consciência de que temos vínculos profundos com a terra nos dá força pra vivermos melhor e cuidar da terra como nunca cuidamos. Ganhar vincularidade é ganhar um olhar e um sentir diferente em nossas formas de relação. Esse é essencialmente o trabalho decolonial: entendermos que a imposição da colonialidade é dupla: nos fazer perder os vínculos com a terra e uns com os outros, e também fazer perder nossa memória desses vínculos. Quando achamos que toda luta e resistência somente acontece no mundo da cultura, e que a terra não faz parte de nossa luta, somos resultado e ação da colonialidade que nos tomou não somente a terra, mas o coração e a alma. A junção venenosa do colonialismo, do capitalismo e do cristianismo nos tomou o território, mas nos deu Deus no coração!

Por isso que precisamos aprender com os indígenas que nos ensinam sempre: a luta da terra é o início e o fim de toda luta. Como disse Eduardo Viveiros de Castro em um dos seus tweets: “A condição indígena se dispõe hoje (porque sempre) no cruzamento de todas as lutas populares.”

Ganhando novos vínculos com nossos indígenas, a gente aprende que a luta precisa ser pela terra como a luta contra o patriarcado, o racismo, a xenofobia e a desigualdade. Então continuamos juntos de todos os povos originários na luta que se faz em Brasília contra o Marco Temporal para aprendermos a razão da nossa luta maior.



A *Articulação Nacional de Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade* está lançando um projeto lindo chamado *reflorestamentos* (<https://reflorestamentos.org>). Deem uma olhada.

Pois é isso que a teologia sem terra precisa: se a-terra-r, se re-florestar, se rio-nificar, se mar-ejar, se Ave-Mariar, se onça-pintar. Fazer da chuva um hino de gratidão, fazer do alagamento uma profecia contra governos que encheram as cidades de cimento. A teologia da terra faz da oração uma luta espiritual e concreta pela terra, pelos animais, pelo cerrado, pelas florestas e pelo pouco de verde que ainda existe perto das nossas casas.

Teologia Sem Terra

Parte 4

*Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão*

*Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel*

*Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra a propícia estação
E fecundar o chão¹⁵*

Terminamos hoje esse texto que fala da teologia sem terra.

A dificuldade que a gente tem de se relacionar com a terra vem tanto de uma maneira de pensar que acha que pensamento é algo que construímos sozinhos, quanto pela ideia de que se constitui pela labuta de leitura de textos e conhecimento que buscamos em um lugar, em um pensador/a, ou em uma escola de pensamento. Por pensar assim, acabamos por considerar a verdade como propriedade de um indivíduo ou uma instituição.

¹⁵ Milton Nascimento e Chico Buarque, *Cio da Terra*, Chico Buarque, CD: *Chico 50 Anos - O Cronista*, 1994.



Mas na verdade, o conhecimento está posto *entre os lugares*, entre o aqui e ali, entre você e eu. É nesse interregno que os movimentos do saber literalmente se movem e se relacionam. É como um terceiro espaço misturado, ou como diz Luiz Antonio Simas, um cruzo que vai sempre dar em outra coisa. O conhecimento está entre a rua e a escola, a igreja e o partido político, a terra e nossos corpos, territórios de envolvimento e relacionalidades, os espíritos e os rituais, tudo é cruzo. No mundo natural, tudo é feito de padrões e estruturas de relação, de simbiose e de misturas. A gente nunca nasce puro. Desde a gestação, a gente é feito de bilhões de células humanas e não humanas, de terra e de pó das estrelas. Ninguém nasce puro ou se torna puro. A noção de pureza é um ideal da modernidade para limpar identidades de um grupo e preservar seus valores de hierarquia e poder.

Mas a dificuldade de se pensar a terra e nossas relações mais profundas com o mundo não humano, ou mais que humano, também vem de uma estrutura político-econômica que privilegia o indivíduo acima de tudo. O indivíduo artificial do Leviatã de Hobbes contra o mundo natural. Há sempre uma luta entre o humano/cultura contra o mais que humano/natureza. Nesse mundo cindido, a natureza é essa bloco inerte e que não se move e nós os humanos a matéria que movimenta tudo. Criamos a farsa do indivíduo que precisa ser o centro de tudo para controlar o não humano, o não cultural, ou seja a natureza.

A gente vê isso com a COVID19. A COVID mostra um imenso antagonismo entre o mundo humano e o mundo natural. O excepcionalismo humano fica tão evidente. Nós não respeitamos limites nenhum e fazemos dos animais e dos espaços naturais o que queremos. Não temos limites! E nessa arrogância de controlar a natureza e dominar tudo, a gente entra “na natureza” para devastar, arrancar, comer, usar e transformar tudo em alguma forma de consumo. Nessa ganância de querer tudo e de achar que estamos acima da natureza e portanto nada vai nos causar problemas, o mundo natural nos mostra que somos co-dependentes. A saúde do mundo natural é também a saúde dos humanos. O mundo natural e o cultural são lugares de vida compartilhada e de remédio mútuo. Por exemplo, recentemente foi descoberto que um “fungo aquático que já extinguiu diversas espécies de anfíbios ameaça agora sapos terrestres.”¹⁶ Se esse fungo não for extinto, a biodiversidade daquele local corre risco. Assim, somos remédio para o mundo natural, assim como o material que cria as vacinas vem do mundo natural como cura para nós. E se não pararmos a devastação e o extrativismo, cientistas nos dizem que outras pandemias virão.

¹⁶ Fungo aquático que já extinguiu diversas espécies de anfíbios ameaça agora sapos terrestres, <https://agencia.fapesp.br/fungo-aquatico-que-ja-extinguiu-diversas-especies-de-anfibios-ameaca-agora-sapos-terrestres-diz-estudo/36843/#.YUNI97jXi0k.twitter>



Quantas epidemias serão necessárias até que aprendamos a cuidar da terra como cuidamos de nossos filhos e filhas? O que fazemos com a terra é somente espelho do que fazemos com a gente mesmo.

Um outro lado desse imaginário individualismo (porque nunca somos ou estamos sozinhos, somos feito de muitas células vivas e vivemos ao redor de tantos outros seres vivos: plantas, minhocas, pássaros, etc). mas que traz consequências nefastas para a nossa vida em comum, é a gritaria de algumas pessoas que são contra as máscaras de proteção porque dizem que é direito deles de não usar. Não pensam que o direito deles só é possível quando não coloca um outro indivíduo em perigo. Se individualidade é a tentativa de vida plena, então todos teriam que ter vida plena. Mas para isso acontecer é preciso limites e responsabilidades, não só direitos. Somos uma comunidade antes de sermos indivíduos. E essa comunidade é que nos forma enquanto indivíduos.

Mas é preciso pensar essa comunidade de forma muito mais ampla. Precisamos pensar não só nos direitos humanos mas também nos direitos de outras espécies em viver uma vida plena e digna. Se vamos pensar em direitos, então precisamos pensar nos direitos dos rios, das onças, dos tamanduás, dos tambaquis, das florestas, dos corais. Entretanto, nossa estrutura democrática, em seus entornos sociais, urbanos, políticos e sociais, se baseiam essencialmente no direito humano, sempre demasiadamente humano. Como seria pensar a democracia com os não humanos: outros animais, oceanos, matas ciliares e pássaros? Mas todos os critérios de vida são humanos e de projeções humanas sobre os mais que humanos. Esquecemos que são esses mais que humanos quem nos dão vida e têm direito a vida também. Como a gente aprende com os indígenas, somos todos guardiães e guardiões da terra. Essa nossa democracia vive como que acima da terra, com uns poucos donos da terra que tornaram tudo coisa privada e agora controlam tudo o que podem. Ainda não aterrizamos, como diz Bruno Latour.

Temos muitas políticas de desenvolvimento urbanas mas temos poucas políticas de cuidados com a terra. Em nossa democracia, não temos compromisso com gerações que nos precederam nem com as que virão depois de nós. Temos pouquíssima ancestralidade e raro pertencimento à terra em nossas democracias. O próprio prefixo 'demos' é um termo para o povo humano. Teríamos assim que pensar uma teologia política que partisse da terra e das leis da terra onde o humano fosse somente uma espécie entre tantas outras. Para isso é preciso atentar à terra, perceber a terra, seus desejos, seus movimentos, seus padrões de vida e relações. é preciso observar as tantas e imensas formas de vida, desde as mais invisíveis aos olhos humanos até as mais óbvias.



A teologia tradicional nunca nos ajudou muito nesse pensamento. Porque a teologia sempre foi um pensar de cima, sobre os atributos de Deus: sua onisciência, onipresença, onipotência, sua providência, seu amor, seu plano universal, etc. Foi com a teologia da libertação que a teológica começou a pensar em Deus a partir de baixo, do mundo das gentes sofridas. Começou a pensar Deus a partir dos pobres, e das relações de injustiça e morte. Com a teologia da libertação ganhamos formas de pensar o mundo a partir da dor de quem sofre e é excluído. Entretanto, a teologia da libertação abriu poucos espaços em relação à terra. Mas os caminhos que fez, foram caminhos potentes que nos dão muito pra continuar. Por exemplo, temos teólogos e biblistas brasileiros sensacionais que nos ajudaram a pensar com a terra: Milton Schwantes, Rubem Alves, Ivone Gebara, Leonardo Boff e Nancy Cardoso são alguns de nossos pensadores mais potentes.

Milton Schwantes lê a Bíblia e nos fala da terra como um jardim de Deus, e vê na luta pela terra a luta de classe entre camponeses e os chamados poderosos. Ele fez parte de vários acampamentos dos Sem Terra no Sul do Brasil e fez reflexões fundamentais para pensar a Bíblia a partir da experiência dos mais fracos.

Rubem Alves nos ajuda a pensar a utopia nas coisas pequenas. Ele nos fez prestar atenção nos jardins de casa, nas árvores, nas flores. Nos deu uma outra perspectiva da relação entre nós, os bichos, a brincadeira, a poesia e a criação.

Leonardo Boff nos faz pensar toda a terra a partir do princípio do cuidado. Sua labuta é tão ampla. Ele tem nos ajudado imensamente a pensar a relação terra-humanos e Deus.

Ivone Gebara mudou a forma de fazer teologia. Ela fala da terra como lugar de início do pensamento. O pensamento acerca de Deus começa a partir da luta das mulheres e das relações de gênero. Assim, ela combate veementemente o patriarcalismo, a força e controle que os homens impõem no campo da teologia. Ela nos faz ver o quão deforme é este edifício teológico e como ele foi construído em estruturas perversas de poder masculino. Tão perverso que nem ela e nem Nancy Cardoso conseguiram empregos em escolas de teologia do país. Tudo é homem, e homem branco!

A Nancy Cardoso é uma mistura de teóloga e biblista que relaciona a terra, a sexualidade, os meios de produção e os textos Bíblicos. Ela faz parte da Comissão *Pastoral da Terra* e nos faz pensar em tantas formas de relação: a agricultura local, as resistências feministas, as sementes, os rios, as miudezas da terra, e formas de criar a vida a partir da terra. Tudo sempre junto e a partir da vida e labuta dos camponeses que trabalham e lutam pela terra.



Com essas e esses pensadora/es, toda a teologia se move de lugar. Nessas/nesses teólogas e teólogos, não é que a teologia tem terra, mas sim a teologia é a terra! Elas/es nos servem de luz nesse caminho de vinculações de volta com a terra. Essas vinculações fazem um caminho duplo: é preciso um retorno da terra para o nosso pensamento e as formas do nosso viver e pensar voltados à terra. É preciso aprender com a terra a lei da terra, e assim como espelhamento, fazer a mímica bioquímica dessas relações da terra entre nós.

Pois a vida da terra vai se esgotando. Ainda tratamos a terra como recurso natural e esses recursos estão se esgotando. Mais do que “recursos,” o mundo natural é feito de parentes nossos, como nos ensinam os povos indígenas. É preciso restituir o valor do mundo natural. As coisas da terra tem um valor intrínseco que não precisamos dar pois já está dado. Desde sempre. Como diz o poeta Wendell Berry, não há coisas sagradas ou não sagradas, somente coisas dessacralizadas. O trabalho da teologia então, assim como de todas as formas de pensamento, é restituir o sagrado àquilo que foi roubado, arrebatado, destruído, destituído de seu valor intrínseco. É preciso sacralizar de novo o que foi dessacralizado.

Quando a teologia fala da Imago Dei fala tanto de representatividade e não de essência. Seja representação ou essência, se a gente falar que a imagem de Deus está no ser humano ou é o ser humano, a gente precisa aprender que cada folha de cada árvore, cada afluente de rio, cada borboleta, cada passarinho, cada caranguejo, minhoca ou abelha, tem um valor tão profundo como cada um de nós. E mesmo o valor de Deus!

Pois enfim, dessa reflexão toda, o que temos que fazer é seguir primeira e fundamentalmente, a lei da terra. Não as leis da constituição, ou as leis de Deus ou de qualquer religião. A lei primeira, a lei maior, é a lei da terra, como nos ensinam os indígenas. Se a gente seguir a lei da terra, seus movimentos, sua velocidade vagarosa, suas necessidades, suas formas de diversidade e criação da vida, todos os mundos, humanos e mais que humanos, poderão caber na terra. Assim como todas as religiões. Haverá tantos mundos na terra quanto já há vida na terra. Uma teologia da terra é, pois, a luta para que haja terra para todos os mundos.

E assim poderemos cantar a festa da natureza, sendo nós mesmos a natureza.

Festa da Natureza

Composição Gereba/Patativa do Assaré

*Chegando o tempo do inverno
Tudo é amoroso e terno
No fundo do pai eterno
Sua bondade sem fim*

*Sertão amargo esturricado
Ficando transformado
No mais imenso jardim
Num lindo quadro de beleza*

*Do campo até na floresta
As aves lá se manifestam
Compondo a sagrada orquestra
Da natureza em festa*

*Tudo é paz tudo é carinho
No despertar de seus ninhos
Cantam alegres os passarinhos
O camponês vai prazenteiro*

*Plantar o seu feijão ligeiro
Pois é o que vinga primeiro*

*Nas terras do meu sertão
Depois que o poder celeste*

*Mandar a chuva pro nordeste
De verde a terra se veste
E corre água em borbotão*

*A mata com seu verdume
E as fulô com seu perfume
Se enfeita com vagalumes
Nas noites de escuridão*

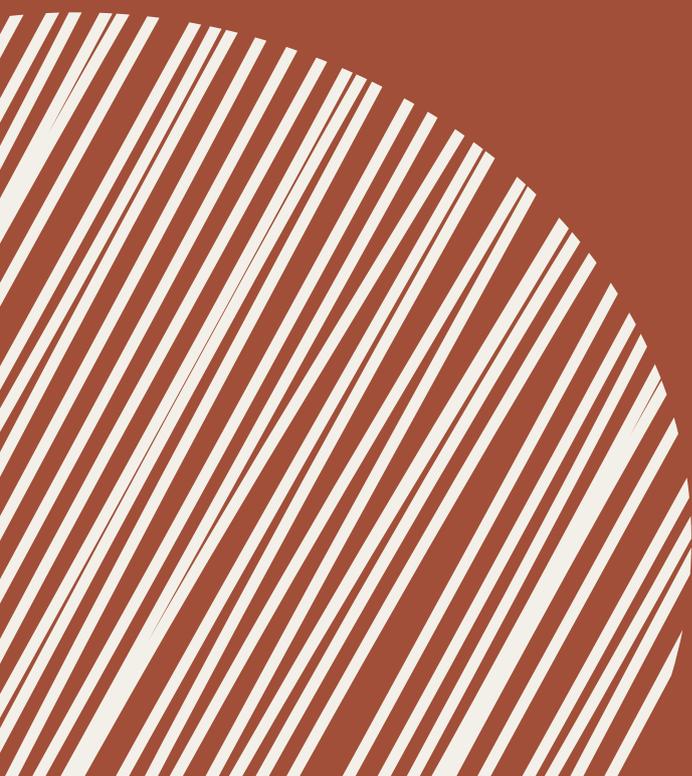
*Nesta festa alegre e boa
Canta o sapo na lagoa
O trovão no ar reboa*

*Com a força desta água nova
O peixe e o sapo na desova
O camaleão que se renova
No verde-cana que cor*

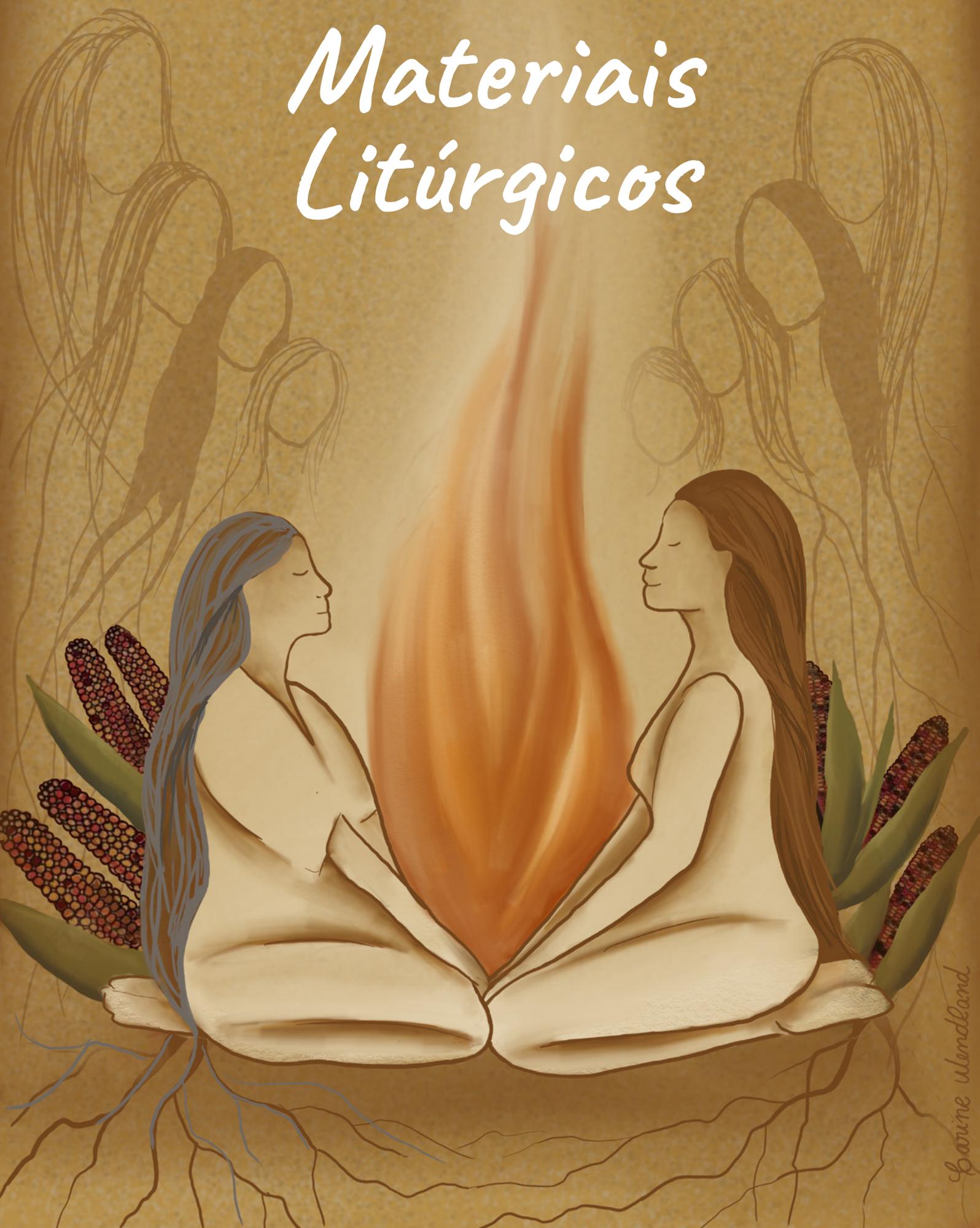
*Grande cordão de borboletas
Amarelinhas brancas e pretas
Fazendo tanta pirueta
Com medo do bem-te-vi*

*Entre a mata verdejante
Seu pajé extravagante
O gavião assartante
Que vai atrás da jurití*

*Nesta harmonia comum
Num alegre zum zum zum
Cantam todos os bichinhos...*



Materiais Litúrgicos



CREDO DEL DIOS DE LA CREACIÓN

Creo en el Dios del primer día,
aquel que vio el caos y que quiso la belleza,
aquel que vio la noche y quiso la luz,
aquel que de la nada lo hizo todo.

Creo en el Dios del día segundo,
aquel que nos dio un horizonte para la esperanza,
un lugar al que seguimos llamando cielo.

Creo en el Dios del tercer día,
que hizo correr las aguas que sostienen la vida,
que hizo de la tierra un suelo bendito
para los árboles que renuevan el aire y ofrecen sombra,
para que produzcan alimento suficiente para todos y todas,
para que la belleza de ríos y mares y montes y valles nos enamoren cada día.

Creo en el Dios del cuarto día,
aquel que dibujó galaxias y estrellas y soles
y planetas y nubes en el firmamento celeste,
en ese universo que sigue expandiéndose
y que jamás lograremos abarcar.

Creo en el Dios del quinto día,
el que creó a las aves y a los peces, a los mamíferos y a los reptiles.
Y que a todos con ternura los bendijo para que poblaran la tierra.

Creo en el Dios del día sexto,
que creó al negro, al rojo, al blanco, al amarillo,
porque en diversidad nos hizo
barro y espíritu, fragilidad y eternidad
para gloria de su nombre.

Creo en el Dios no binario que a su imagen y semejanza
nos dio la libertad de ser y de vivir en plenitud.
Creo en el Dios que nos confió el cuidado de su creación.

Creo en el Dios del séptimo día,
aquel que vio todo bueno y que,
creyendo en la humanidad naciente,
descansó...
quizá demasiado pronto.

Gerardo Oberman
Red Create

Cuidemos la tierra

(Huayno)

María Ángela Palombo

G Am

Por es - te mun-do her-mo - so tan lle - no de co - lor de
a - mos res - pon - sa - bles tua_a yu-da_es es - pe - cial el -

5 D7 G 1.

luz y de_a - le - grí - a yo te pi - do_un fa - vor. se
a - gua se ter - mi - na no de - rro - che - mos

9 2. C D7

más.Cui-de-mosla tie - rra no con-ta-mi - ne-mos y se - rá más pu - ro el a_i-re-que-res-pi-
3

16 G C D

re - mos. Ha-ga-mos s - top s-top s - top es co - sade lo - cos bas-ta de_aero - so - les

23 G C

que nos en-fer-ma de_a po - co Cui-de-mosla tie - rra si co - la - bo - ra - mos de tan - to pe -
3

30 D G D7 G

li - gro en-tre to - dos la sal - va - mos de tan - to pe - li - gro en-tre to - dos la sal - va - mos
3

2. Juntemos la basura, limpiemos nuestra calle
Plantando un árbol nuevo, renovamos el aire.
A los animalitos debemos respetar
Su vida es un derecho, merecen su lugar.



Accesa a la
música en
el código QR



Dios gracias por este bello lugar

Dios gracias por este bello lugar

Notatzin tlaxtlaui kauin kamela kualtsin

Al ver tus montañas florecer

Tikitaske motepeuan xochiyoke

Al sentir tu lluvia al caer

Tik mati tupan kiyaui

Y tu viento con tanto poder

Niman muajacau kamela kuautik

Gracias Dios por amarnos tanto

Tlaxtlaui notatzin ka kamela titechtlasotla

Y cada día ver tu bondad

Ka mu mustla ti kita un tlin kualsin

En todo lo que creaste

Man nuchi uan tlin ti tlali

para disfrutarlo con los que amamos.

Ti pakiske uan iuan ti totlasotla.

Francisco Andraca Cleofas

Náhuatl región centro Guerrero, México



Terra, vida, partilha e comunhão

Deus de amor, fonte de toda a vida, que habita na terra e no multiverso. Tu és Criador, Mantenedor e Salvador!

Concede coragem para preservarmos a beleza e a integridade do meio ambiente, da tua criação.

Ilumina com a tua luz a vida das pessoas que destroem as matas, matam os animais, poluem as águas e contaminam a terra, para que sejam convertidas e possam cuidar e proteger a vida que é dádiva e bênção do teu amor.

Livra toda a tua criação dos sistemas de morte e de violência, que propagam a extinção.

Perdoa toda a nossa omissão, descaso e desrespeito para com a vida que tu crias e manténs a cada novo amanhecer.

Concede em nossa vida a tua graça e o teu amor pelo meio ambiente, a criação, para que nosso orar e agir sejam bênção, no cuidado e louvor com a Criação.

Planta na nossa vida, mente e coração as sementes da fé, do amor, da esperança e da paz. Que essas sementes floresçam transformando-se em vida digna e plena, na tua criação. Amém.

Ó Deus, manancial de toda a vida, fonte de toda beleza, criador do multiverso. Alfarero da nossa terra: Fazei que a amemos como nossa mãe e irmã, dom do seu amor, casa comum de toda vida, lugar de partilha, comunhão e paz.

Inspira o cuidado e a proteção de nossa casa comum. Permita que sejamos sal da terra, o bom tempero nas relações, conservando a diversidade da vida. Pois, somos feitos do pó da terra, vivemos e nos envolvemos na amplitude da terra e voltamos ao seio da terra, por seu amor e graça. Por todo o suor, pranto e sangue na Terra derramados, e por Jesus Cristo, teu Filho, que nesta terra habitou e a fecundou com seu amor, suor e sangue. Amém.

Pastor Olmiro Ribeiro Junior
Secretaria de Ação Comunitária IECLB

Hay que cuidar la creación

Gerardo Oberman

A
Allegro
Bm E7
Hay que cui - dar, hay que cui - dar, la tie - rra
A F#m Bm
hay que cui - dar. Tie - ne de - re - cho la cre - a -
Bm E 1. A FINE 2da. vez 2. A
ción a vi - vir. vir. Los
19 F#m C#m D
bos - ques, los rí - os, los cie - los, re - cla - man
D A F#m C#m
nues - tra/a - ten - ción. El mun - do que Dios ha cre - a - do
C#m D E7 Da capo a FINE
cla - ma por su re - den - ción.

// Hay que cuidar, hay que cuidar,
la tierra hay que cuidar.
Tiene derecho la creación a vivir. //

Los bosques, los ríos, los cielos,
reclaman nuestra atención.
El mundo que Dios ha creado
clama por su redención.

Hay que cuidar, hay que cuidar,
la tierra hay que cuidar.
Tiene derecho la creación a vivir.



Semear

Meditação

MÚSICA

Quando o povo se reúne (LCI 25)

ACOLHIDA

Bom dia! Acolhemos vocês com muita alegria, com a palavra bíblica de 2 Pedro 3.13, que diz: “Nós, porém, segundo a promessa de Deus, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça”.

VOTO INICIAL (acender vela)

Nos reunimos sob a proteção e na presença de Deus pai e mãe, que cria e mantém a vida, de Deus filho, nosso salvador e irmão e de Deus Espírito Santo, sopro de vida e justiça! Esse Deus que nos chama a semear um mundo de mais cuidado, paz, justiça e amor! Amém.

ORAÇÃO DO DIA

Deus de bondade, Criador de todas as coisas que existem. Te agradecemos por esta manhã, por mais um dia, presente que recebemos da tua mão amorosa e criativa. Anima-nos, inspira-nos e abre nossas mentes e corações para refletir sobre a diversidade, harmonia e beleza da tua Criação, da qual somos parte e somos convidados e convidadas a cuidar e semear. Ajuda-nos a perceber onde nosso comportamento pode significar agressões ou violência à tua criação. Ajuda-nos a repensar e mudar hábitos, para que nossas ações busquem sempre a justiça e o cuidado com a tua criação. Em nome de Jesus oramos. Amém.

MÚSICA

Põe a semente na Terra (anexo p.54)

LEITURA BÍBLICA

2 Coríntios 9.10: “E Deus, que dá semente ao que semeia e pão para alimento, também suprirá e aumentará as sementes e multiplicará os frutos da justiça de vocês.”

REFLEXÃO

Quem aqui já semeou algo? Quando semeamos, lançamos uma semente. E isso é certo! Mas não temos como saber, com certeza, o que nos espera: se vamos ver a semente crescer, se desenvolver e, ainda mais, se vamos colher.

Outra certeza é de que Deus nos dá as sementes necessárias, como lembra o versículo que lemos. É Dele o chamado - que vem do Batismo - para a transformação e para a sementeira. Em resposta, nos colocamos como pessoas lançadoras de sementes, em forma de palavras e ações e em vários âmbitos da nossa vida.

Assim, nós ainda podemos nos perguntar: onde semear? Essa talvez não seja uma pergunta tão difícil de se responder: vivemos num mundo em desequilíbrio, onde a criação de Deus é todos os dias maltratada, explorada e negligenciada. A Criação que não apenas é nossa casa, e que não somente nos dá o sustento, mas também Criação da qual nós somos parte como seres humanos. Foi desta Criação, no sentido amplo, que nós temos buscado tratar na Campanha Juventudes e Justiça Ambiental, e é nela que nós, pessoas cristãs, nos inserimos, e onde a Igreja como um todo se insere. E, nessa perspectiva, sem dúvida podemos afirmar que muitos de nossos irmãos e nossas irmãs também sofrem diariamente maus tratos, exploração e negligência. É aqui que cabe a nossa sementeira, com novas atitudes e hábitos, com paz onde há conflitos, e com cuidado onde há tanta exploração!

E sabendo que Deus nos dá as sementes, para escolhermos quais sementes queremos plantar, precisamos ter em mente o que queremos colher, o que queremos deixar para que o mundo colha. Nós precisamos saber o que queremos como fruto, para escolhermos as sementes certas.

Dinâmica

O que queremos que brote da nossa sementeira? O que queremos deixar como frutos para o mundo e para as outras pessoas?

(Cada pessoa desenha uma fruta em um papel e escreve nela o que gostaria de colher/deixar para outras gerações colherem; Pedir para as pessoas escreverem em letra grande e visível; Ao final, abrir para algumas pessoas partilharem o que elas querem colher e quais as sementes que ela deve plantar para isso.)

ENCERRAMENTO DA DINÂMICA

Se queremos colher todos esses bons frutos, ou que outras pessoas colham esses frutos, precisamos lançar boas sementes - as sementes do cuidado com o próximo e a próxima e com a Criação.

O esforço de semear é nosso ao atender ao chamado de Deus. Mas é pela sua graça e amor que podemos semear um mundo novo, onde a justiça seja uma vivência real e diária, e não uma utopia. Vamos fazer a nossa parte, na certeza de Deus fará a dEle, como grande sementeiro. Que seja essa a esperança para os nossos dias!

MÚSICA

Justiça terá por fruto (LCI 261)

ORAÇÃO

BÊNÇÃO

Fazer parte e poder cuidar da boa criação de Deus é uma bênção da qual precisamos sempre recordar e um compromisso pelo qual precisamos sempre nos reencantar. // Que a bênção de Deus nos acompanhe nos nossos caminhos, em todas as nossas ações. Que possamos ver em cada amanhecer um sinal do amor de Deus por nós e ser, a cada dia, um sinal desse amor no compromisso com a justiça e a paz na criação. Amém.

MÚSICA

Nas asas do vento (LCI 531)

(Meditação elaborada pela equipe da Campanha Juventudes e Justiça Ambiental – Bárbara Luise Hiltel Venturini Surkamp, Bianca Koffke, Gabrielle Ücker Thum, P. Gerson Acker, Natan de Oliveira Schumann, Renato Valenga, Martina Wrasse Scherer, Diác. Simone Engel Voigt.

**Em: Cartilha juventudes
& Justiça Ambiental –**



Te siento

La naturaleza nos habla
de formas tan diferentes,
conmueven mi alma y mi mente,
mi espíritu libre despierta.
Hay Alguien que me habla profundo;
escucho, disfruto, lo anhele,
lo siento cercano y a pleno
y me surge esta canción:

(Estrillo: Asombrosa creación
Asombroso Creador
soy parte de todo esto
y espero actuar junto a vos)

Veo la inmensa pradera
llena de vida diversa,
veo las altas montañas
que invitan a ver más allá;
escucho el trueno potente,
siento la brisa fresquita,
hay Alguien que me habla en los cielos,
en cada horizonte o rincón,
lo siento en los mil colores
que despliega la creación.

Hay Alguien que me habla profundo,
escucho, disfruto, lo anhele,
me dice en suaves susurros
que es bueno cuidar lo que vemos:
cada flor, cada brote nuevo,
cada gota de agua bendita
para que a nadie le falte
y tenga lo que necesita.

Juntos y juntas podemos construir
un lugar de paz y bien.
Yo me sumo a esta aventura,
¿te sumarás vos también?

Margarita Ouwerkerk



Oração para um Culto da Colheita - Justiça Ambiental

Gabriel Brandenburg

Estudante de teologia na Faculdades EST.

Oremos: Deus Criador, louvamos-te pela bênção da colheita, pela semente que encontrou umidade e germinou, saiu do escuro em busca da luz, encontrou o sol e a chuva, frutificou, foi colhida e se transformou em alimento e chegou às nossas mesas.

Canto: (a escolher)

Clamamos por todas as pessoas que semearam, mas, devido às mudanças climáticas, não tiveram o que colher ou que, devido à injustiça social, não tiveram onde plantar. Clamamos pelo planeta que sofre com a destruição, com tempos de chuva e sol desregulados e com o aquecimento global. Clamamos pelas águas poluídas com lixo e produtos químicos e já não podem ser fonte que sacia. Pelos lugares onde a Justiça Ambiental é inexistente, impossibilitando a vida. Pedimos pela recuperação de nossa natureza e o fim da destruição de nossa casa comum.

Canto: (a escolher)

Pedimos pelas pessoas que trabalharam para que esses alimentos fossem trazidos hoje para o altar. Abençoa e cura as mãos dessas pessoas, pois, tantas vezes elas foram queimadas pelo sol e machucadas pelos espinhos e tantas vezes deixaram de ser reconhecidas socialmente. Diante disso, oramos por justiça, para que os agricultores e as agricultoras tenham vida digna, e para que as pessoas jovens encontrem um futuro sustentável na sua comunidade.

Canto: (a escolher)

Intercedemos para que as lideranças políticas invistam na preservação de nosso meio ambiente, na produção de alimentos saudáveis para todas as pessoas. Que a comida boa esteja em todas as mesas, e que as dificuldades da agricultura familiar sejam superadas e seus esforços sejam reconhecidos.

Canto: (a escolher)



Subsídio Litúrgico

Tema: Terra, Vida, Ecoteologia

ACOLHIDA

Bem-vindos e bem-vindas à presença de Deus, fonte de toda vida!

Somos pessoas amadas por Deus, que nos criou, nos deu o sopro da vida, a sua imagem nos criou. Esta vida e este amor de Deus se estendem a toda a criação.

Como igreja e pessoas cristãs, aqui estamos para reafirmar o nosso compromisso de proteção e cuidado para com toda a vida na terra.

SAUDAÇÃO

Em nome deste Deus que dá vida, do seu Filho Jesus, que dignifica a vida e do seu Espírito que, pelo batismo, nos chamou para uma nova vida, aqui nos reunimos.

Louvemos a Deus, fonte de toda vida na terra!

UMA LITANIA DE LOUVOR

Quando a terra era sem forma e vazia, o Espírito de Deus pairava sobre as águas.

Então, Deus criou a luz!

Deus se encheu de alegria, pois viu que a luz era boa.

Depois separou terras e águas. E sorriu Deus, pois viu que isso era bom.

C. Louvemos a Deus, fonte de toda vida na terra!

Deus também semeou a terra, cobriu de plantas, árvores frutíferas e flores de todas as cores;

Fez os astros para iluminar o universo e demarcarem o tempo em dias e noites, e em estações do ano.

E em tudo Deus percebia a beleza da criação.

As águas foram povoadas de seres viventes, as aves voavam sob o firmamento do céu e variadas espécies de animais encheram a terra.

E Deus se dava conta de que tudo era muito belo e bom.

C. Louvemos a Deus, fonte de toda vida na terra!



Deus, então, criou a mulher e o homem, à sua imagem e semelhança os criou e deu-lhes a incumbência de cuidar da sua criação.
Deus admirou tudo que tinha feito, sorriu e viu que era muito bom.
Deus celebrou e abençoou tudo o que havia criado!

C. Respiramos em Deus, vivemos em Deus e em Deus repartimos a vida com toda a criação.

CANTO (a escolher)

KYRIE

Lemos em Romanos 8.22 que toda a criação geme e espera ser redimida.
(Convidar as pessoas presentes a expressarem suas preocupações em relação a destruição das fontes da vida na terra. Por fim, encerrar o momento com a oração que segue:)

Oremos a Deus pela salvação de toda a sua criação:

Oh Deus, que criaste a nós e a todas as criaturas, a natureza geme e suporta angústias e, com ela, também nós sofremos as consequências do desequilíbrio ambiental. Por isso, em conjunto clamamos:

C. Tem compaixão, ó Deus! Renova a criação, a criação inteira! Fortalece em nós o compromisso de proteção e cuidado para com toda a vida na terra.

CANTO

LEITURA DO SALMO 104

NOSSO COMPROMISSO

A palavra de Deus nos desafia e a realidade nos compromete. Em Cristo, pelo batismo, fomos feitos filhos e filhas de Deus. Como tais, assumimos um compromisso com Deus e com todas as suas criaturas. Na realidade ecológica atual, este compromisso pede urgência em nossas ações como pessoas batizadas e como Igreja de Jesus Cristo.

Vamos refletir:

Que ações podemos assumir como pessoas, grupos e sociedade pela defesa e cuidado da criação? Que sinais podemos dar, em nosso dia a dia, em nome da fé no Criador, para reduzir os impactos ambientais? (reflexão e partilha)



ORAÇÃO

Oremos.

Espírito divino, fôlego da vida!

Anima-nos e fortalece-nos no compromisso de cuidado para com toda a vida na terra.

Dá respiração aos corpos ofegantes e desanimados.

Sopra o vento que movimentava e traz novo tempo,

Transforma a secura da terra em campos verdejantes.

Leva a suave brisa do teu sopro recriador a todos os recantos da terra;

Renova a vida, sustenta as florestas, conserva a respiração da tua criação.

Espírito divino, força vital criadora!

Que o sopro do teu hálito de vida

Faça pulsar o nosso coração e gere sentimentos de amor e gratidão.

E que toda criatura louve a ti e te sirva, Deus da vida, Filho doador da vida e Espírito Santo vivificador! Amém.

BÊNÇÃO

Que o Trino Deus, o Criador, o Salvador e o Mantenedor da criação inteira nos abençoe e nos fortaleça no cuidado da criação e no desenvolvimento de um mundo sustentável e bom. Amém.

ENVIO

Vamos em paz e cuidemos de toda a vida na terra.

Catequista Erli Mansk

IECLB - 22/09/2023.

Novo dia virá

Ana Clara Rodrigues
Louis Marcelo Illenseer, 2020

The musical score is written in treble clef with a key signature of two sharps (F# and C#) and a 2/4 time signature. It consists of nine staves of music, each with a line of lyrics underneath. Chord symbols are placed above the staff lines. The lyrics are in Portuguese and describe a scene of hope and renewal.

Staff 1: Chords: Bm7, Bm7. Lyrics: Quei-ma'a ma-ta'e a - pa - ga, a'es-pe - ran - ça se'es - ma - ga, si-len -

Staff 2: Chords: Cmaj7, C#m7(b5), F#7. Lyrics: ci-a'o so-frer. Diz o do-no que pas - sa a bo - ia - da que'ar-ras - ta de-ses -

Staff 3: Chord: Bm7. Lyrics: pe-ro'e mor-rer. Tan-ta lá-gri-ma se - ca do'ou-tro la-do da cer - ca, faz o

Staff 4: Chords: Cmaj7, C#m7(b5). Lyrics: que pra'es-que - cer? Mas tem po-vo que lu - ta não se'en - tre-ga pra cul -

Staff 5: Chords: F#7, Bm7, D. Lyrics: - pa, faz no - vo'a-ma-nhe-cer. O sa - gra-do'é po - ten - te, mu-da'a

Staff 6: Chords: D/F#, G, Em7. Lyrics: vi-da da gen - te, é pre - ci-so lu-tar! Há um no-vo fu-tu - ro, on-de'o

Staff 7: Chords: A, Dmaj7. Lyrics: po-vo sem mu - ro, vol-ta - rá a can-tar! Que não mor-ra'a'es-pe - ran -

Staff 8: Chords: D, D/F#, G. Lyrics: - ça, pois jus - ti - ça se'al-can - ça, bem vi - ver se fa-rá, de mãos

Staff 9: Chords: Em7, A, F#7, Bm. Lyrics: da-das à fren - te, fé e'a - mor des-sa gen - te, no-vo di-a vi-rá!

Água da vida

L: Maurício K. de Oliveira e Soraya Eberle
M: Maurício Klug de Oliveira

The musical score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 3/4 time signature. It consists of five systems of music, each with a line of lyrics underneath. The lyrics are in Portuguese and describe the life-giving properties of water. The score includes various chords such as D, G/D, A, G, C, Bb, Bm, and Asus, and features first and second endings for the final phrase.

1. Á - gua que sa - ci - a mi - nha se - de, á - gua que dá sus - ten - to à
2. Deus pre - sen - te - ou dons e ta - len - tos e nos con - fi - ou to - do es - te
3. Á - gua que re - no - va a nos - sa vi - da, á - gua que am - pli - a nos - so o -

4
vi - da, á - gua dos rios, á - gua dos ma - res, fon - te de vi - da na Ter - ra.
mun - do. Cha - ma a a - mar, a pre - ser - var, ru - mo a u - ma vi - da me - lhor.
lhar: vem trans - for - mar, vem nos mos - trar no - vos ca - mi - nhos de vi - da!

9
Ve - nham, va - mos cui - dar, ser - vir pa - ra o bem da cri - a -

12
ção. Com - pro - mis - so com a vi - da, Ba - tis - mo le - va à a - ção.

16
Ba - tis - mo le - va à a - ção.

1. Água que sacia minha sede,
água que dá sustento à vida.
Água dos rios, água dos mares,
fonte de vida na terra.

Refrão:

Venham, vamos cuidar,
servir para o bem da criação.
Compromisso com a vida,
Batismo leva à ação.

2. Deus presenteou dons e talentos,
e nos confiou todo este mundo.
Chama a amar, a preservar,
rumo a uma vida melhor.

3. Água que renova a nossa vida,
água que amplia nosso olhar:
vem transformar, vem nos mostrar
novos caminhos de vida!

Mãe Terra, onde estás?

Carine Josiéle Wendland
Maurício Klug de Oliveira

$\text{♩} = 50$

Dm A Dm A Dm A

Mãe Ter-ra, on-de es - tás? A - qui ou ou-tro lu - gar? Mãe Ter-ra, on-de es -

8 Dm A Dm Gm Dm

tás? A - qui ou ou-tro lu - gar? o cin-za das pa-re-deste su - fo-ca, eu sei A

13 Gm Dm A7 Dm C#°

cu-ra da cor es-tá na vi-da, no ver-de flo - res-tas fe-ri-das, ca -

18 Bb A C A Dm C

í - das. Má-qui-nas hu-ma-nas, em pé o céu es-tá pa - ra ca - ir, mas as flo -

23 A7 Dm A7 Dm

res-tas o sus-ten-tam a - in-da Mãe Ter-ra, dá-nos fé com ra - iz

Somos Terra

Luiz Carlos Ramos
Maurício Klug de Oliveira

$\text{♩} = 100$

G C Em Am

So-mos da ter-ra, so-mos de ter-ra hu-ma-nos hu-mil-des hú-mus,tão so-

8 D C G Am D G

men-te Jar-di-nei-ros do mun-do Plan-ta-dos em ple-no pla-ne-ta a-zul Per-so-

15 C G Am D C9 D9 G

na-gens di-ver-sos do vas-to U-ni-ver-so So-mos a na-tu-re-za que sen-te

23 C9 D9 G C9 D9

Am-bi-en-te in-tei-ro que pen-sa A ló-gi-ca da Vi-da e-co-

29 G G C/G G C/G G

ló-gi-ca So-mos po-e-tas-pro-fe-tas, la-vra-dores ges-tan-tes

38 C D G C D G

Que es-pe-ram em ver-de es-pe-rança No-vos Céus e no-va Ter-ra



ORAÇÕES

Deus de Bondade e amor, fizeste-nos de terra, e a água circula pelo nosso corpo. Mesmo assim, a humanidade segue por caminhos de destruição do que é essencial para que haja vida neste planeta, enchendo a terra de veneno, poluindo rios, mares e oceanos, matando árvores, plantas e animais. Diante dessa situação, nós te pedimos: converte-nos para o caminho da vida. Dá que possamos ser pessoas responsáveis para com a tua Criação, sendo sal da terra e luz do mundo, agindo em defesa da vida. Amém.

Deus de amor, nós, seres humanos, não somos os únicos habitantes deste mundo e agradecemos por isso. Nos preocupamos com os rumos que a humanidade está tomando, pois a tua Criação vem sendo destruída. Ajuda-nos para que possamos reconhecer que toda a tua Criação tem o direito de viver, e viver bem neste mundo. Tu vieste a nós e te tornaste um ser humano para nos dar vida. Dá que a nossa ação neste mundo seja em gratidão a ti na defesa e preservação da vida. Amém

Maurício Klug de Oliveira

Ó Deus Eterno,
Ensina-nos a com(+)viver com a natureza:
A amar sua beleza,
A respeitar sua força,
A resistir à sua fúria.
Ajuda-nos
A proteger os seus brotos
A desfrutar de suas sombras,
A partilhar os seus frutos.
Envia teu Espírito e renova a face da terra!
Envia teu Espírito e renova a face da fé!
Envia teu Espírito e renova a face da esperança!
Envia teu Espírito e renova a face da do amor!
Envia teu Espírito e renova a face da vida!

Luiz Carlos Ramos (10/08/2011)

EXPEDIENTE

Equipe de elaboração: Carine Josiéle Wendland, Maurício Klug de Oliveira, Víctor Mateo, Vherá Poty, Santiago Franco, Leonardo Boff, Chad Rimmer, Cláudio Carvalhaes, Ana Luisa Teixeira de Menezes, Elena Cedillo, Olmiro Ribeiro Junior, Johannes Gerlach, Cristiane Echelmeier, Julia Witt, Angelique van Zeeland, Marcelo Luís Kronbauer, Gerardo Oberman, María Angela (Mabel) Palumbo, Francisco Andraca Cleofas, Bárbara Luise Hiltel Venturini Surkamp, Bianca Koffke, Gabrielle Ücker Thum, Gerson Acker, Natan de Oliveira Schumann, Renato Valenga, Martina Wrasse Scherer, Simone Engel Voigt, Margarita Ouwerkerk, Gabriel Brandenburg, Erli Mansk, Soraya Eberle, Luiz Carlos Ramos, Ana Clara Rodrigues, Louis Marcelo Illenseer, Ana Isa dos Reis Costella.

Produção editorial:

Projeto gráfico e diagramação: Luz de María Cordero

Capa e ilustrações: Carine Josiéle Wendland

Organização: Carine Josiéle Wendland e Maurício Klug de Oliveira

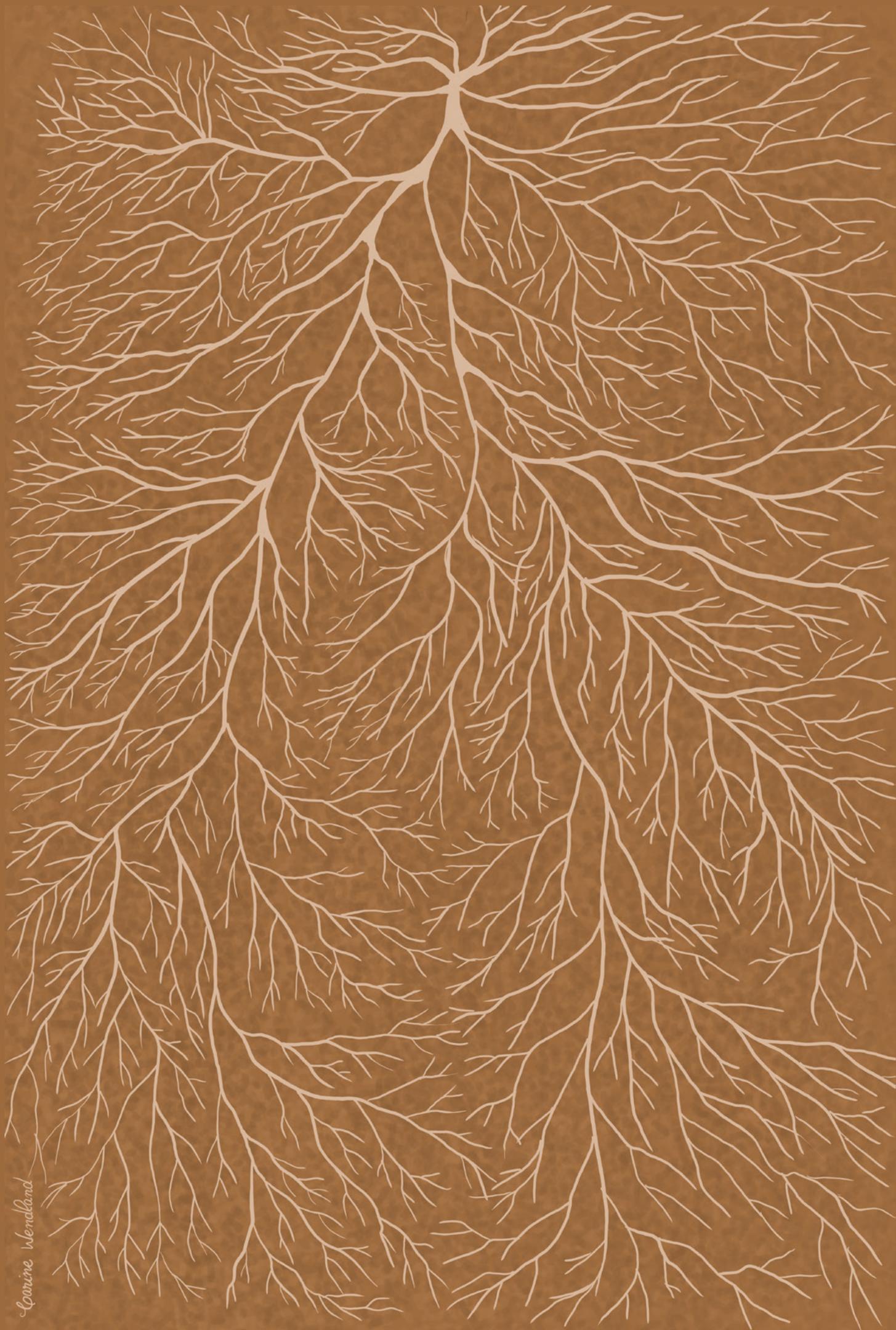
Disponível em PDF:

www.luteranos.com.br/conteudo/terra-vida-e-ecoteologia-reconexoes

Apoio:



2023



Laurene Wendland